



UnB



UFPB



UFRN

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
Programa Multi-Institucional e Inter-Regional de Pós Graduação em Ciências Contábeis**

IANA IZADORA SOUZA LAPA DE MELO PAULO

**CONSERVADORISMO DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL:
Análise da relação com as características qualitativas da auditoria independente**

**JOÃO PESSOA – PB
2012**

IANA IZADORA SOUZA LAPA DE MELO PAULO

**CONSERVADORISMO DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL:
Análise da relação com as características qualitativas da auditoria independente**

Dissertação apresentada ao Programa Multi-Institucional e Inter-Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade de Brasília (UnB), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis.

Linha de Pesquisa: Contabilidade e Mercado Financeiro

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Nóbrega Cavalcante

**JOÃO PESSOA – PB
2012**

IANA IZADORA SOUZA LAPA DE MELO PAULO

**CONSERVADORISMO DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL:
Análise da relação com as características qualitativas da auditoria independente**

Dissertação apresentada ao Programa Multi-Institucional e Inter-Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade de Brasília, da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis.

Prof. Dr. Paulo Roberto Nóbrega Cavalcante
Orientador – Programa Multi-Institucional e Inter-Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis – UnB, UFPB e UFRN

Prof. Dr. Adilson de Lima Tavares
Examinador Interno – Programa Multi-Institucional e Inter-Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis – UnB, UFPB e UFRN

Prof. Dr. Raimundo Nonato Rodrigues
Examinador Externo – Universidade Federal de Pernambuco

**JOÃO PESSOA – PB
2012**

Aos meus pais, Inaldo e Ana, por me ensinar a ser alguém que nunca desiste de um objetivo, e, muito mais, pelo amor e dedicação oferecidos a mim e a meu irmão desde que viemos ao mundo.

Aos meus avós, Severino Melo (in memoriam) e Maria de Souza (in memoriam), pelo exemplo de vida e de luta.

Ao meu irmão e parceiro, Caio, pelo exemplo de superação e determinação.

Ao meu marido, amigo e “amor”, Edilson, por tudo que conquistei na vida desde que estou ao seu lado.

Aos meus filhos, Ana Leticia, Gustavo e Marcelo, pelo amor, paciência e compreensão que sempre têm comigo em todos os momentos da vida.

AGRADECIMENTOS

Não poderia iniciar estes agradecimentos se não por Ele, nosso todo poderoso Pai maior, Deus, criador do Céu e da Terra, protetor de todos nós e força maior na minha vida. Obrigado, Senhor, pelo dom da vida, por tudo que tem feito na minha vida e na de minha família e por colocar sempre “anjos da guarda” no meu caminho.

Agradeço aos meus pais, Inaldo e Ana, por me ensinar a ser um ser humano digno, honesto e fiel a tudo e a todos. Por todos os esforços para sempre me oferecer o melhor, mas, principalmente, pelo amor, amizade, compreensão e dedicação doados a mim e aos meus filhos em todos os momentos da vida. Mainha, sem sua presença, todas as semanas, na minha casa, não teria sido possível concretizar este Mestrado. Painho, sem sua compreensão e seus conselhos, eu não seria nada. Vocês são meus maiores amigos, e sou sempre grata por tudo. Amo vocês, minhas vidas!

Ao meu irmão Caio, pelo exemplo de superação e determinação em tudo o que faz. Pela amizade e apoio sempre que precisei de você, a quem amo e admiro demais!

Edilson, agradecer é pouco, mas, como não encontro outra palavra para expressar toda minha gratidão por ter você ao meu lado nessa jornada tão difícil, que só nós sabemos, só posso dizer: muito obrigada. Mô, você é muito mais que um marido, companheiro e amigo; é a base do meu equilíbrio como mãe, esposa, estudante e profissional, é alguém que com certeza me foi enviado por Deus; é meu grande amor e a concretização de um sonho de menina. Obrigado por tudo e muito mais. Amo-o pra sempre!

Lelezinha, minha princesa amada, você é a razão do meu viver... Obrigada, filha, pela compreensão durante todo esse tempo que dediquei ao mestrado e não pude estar contigo em alguns momentos. Você é o pedacinho que faltava para completar a nossa família e torná-la a expressão maior da palavra AMOR. Amo-a demais!

Gugão, você é um presente de Deus na minha vida. Obrigada pelo simples fato de existir e ter um coração tão bom com todos ao seu redor. Tenho orgulho de tê-lo como MEU filho. Obrigada, Gu, amo você!

Marcelo, meu filho e amigo, obrigada por tudo. Você é muito mais que um irmão para Gustavo e Ana Leticia, na ausência minha e de seu pai. Confiamos plenamente em você. Essa confiança foi o que me fez ter força para ir até o fim. Você é parte essencial na realização desse projeto de vida.

Prof. Paulo Roberto, que honra tê-lo como orientador. Você é muito mais que um profissional completo; é também um exemplo de pessoa. Agradeço-lhe pela paciência nas minhas ausências, por sua compreensão em todos os momentos do curso, por sua orientação e conselhos durante esses meses. Obrigada por sua amizade.

Aos colegas de mestrado: Daniele, Giovana, Izabel, Josélia, em especial ao grupo da Paraíba, Fabiano, Hugo e Alex por todos os ensinamentos e experiências trocados, pela força que no dia a dia transmitíamos uns aos outros, pela amizade construída. Sem isso não teríamos ido até o fim nem conquistado a vitória. Agradeço também ao nosso querido e inesquecível Emilio (in memoriam), pela lição de gentileza, cultura, garra e determinação que nos deixou.

Aos professores do mestrado: Prof. Dr. Jorge Katsumi, Prof. Dr. Paulo Amilton, Profa. Dra. Renata Paes, Profa. Dra. Aneide Oliveira, Prof. Dr. Anderson Mol, Prof. Dr. Dionísio Gomes, pelos ensinamentos e trocas de experiências.

E a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho e a concretização deste sonho.

*“Tu que habitas sob a proteção do Altíssimo,
que moras à sombra do Onipotente, dize ao
Senhor: Sois meu refúgio e minha cidadela,
meu Deus, em que eu confio”. (Salmo 90)*

RESUMO

A pesquisa na área contábil, no Brasil e no exterior, tem abordado questões relacionadas com as características de qualidade tanto da informação contábil quanto da auditoria, isso de forma recorrente e isolada. Do ponto de vista contábil, qualidade tem sido especificada por distintas características, entre elas o conservadorismo, objeto de preocupação, explícita ou implícita, na regulamentação contábil. No que diz respeito à auditoria, as características de qualidade têm como principais atributos a competência e a independência dos auditores, isso sem deixar de considerar diversos outros atributos, como: tamanho da firma de auditoria; tipo e importância de cliente; tempo de relacionamento com o cliente; atraso na emissão do relatório do auditor; prestação de outros serviços, que não serviços de auditoria; especialização do auditor no tipo de empresa auditada, entre outros. Nada obstante, não tem sido comum a realização de pesquisas que abordem a relação entre as características de qualidade da informação contábil e as características de qualidade na auditoria. A partir de tal constatação, foi formulada a questão desta pesquisa: as características da qualidade da auditoria independente afetam o nível de conservadorismo dos relatórios contábeis? Para resolver tal questão, foi desenvolvida uma pesquisa tipo descritiva, bibliográfica, documental e quantitativa. Para captar o nível de conservadorismo contábil, foi empregado o modelo desenvolvido por Ball e Shivakumar (2005), enquanto que, para mensurar as características de qualidade da auditoria, foram empregadas *proxies* validadas na literatura que trata do tema. As regressões foram estimadas através da abordagem *pooling of independent cross sections*. Os resultados encontrados indicam que o conservadorismo contábil é afetado pelo tamanho da firma de auditoria, enquanto que o tempo de prestação de serviços de auditoria e o atraso na emissão do relatório do auditor possuem uma relação inversa com a qualidade da informação contábil. Não foi encontrada significância estatística para outras relações que foram testadas entre as características de qualidade da auditoria listadas e o conservadorismo contábil. O fato de avaliar a relação das características de qualidade da auditoria exclusivamente com o conservadorismo contábil é uma limitação da pesquisa.

Palavras-chave: Auditoria. Qualidade em auditoria. Conservadorismo contábil.

ABSTRACT

Accounting research in Brazil and other countries has been focused on issues related to the quality characteristics of both accounting information and auditing, in a recurrent and isolated way. From the accounting point of view quality has been specified by distinct characteristics, among them the conservativeness, matter of worry, explicit or implicit, in the accounting rules. In what concerns to auditing, the quality characteristics has a main attributes competence and independence of the chartered accountants (C.P. As), without left apart other factors as: size of the auditing firm, type and importance of the customer, relationship time with the client, delay in the issuing of the auditing report, provision of other services not related to auditing, specialization of the auditor in the kind of company audited, among others. Nevertheless, it has not been common to carry out research that addresses the relationship between the quality characteristics of accounting information and quality auditing. As a result of this observation was formulated the main question of this research: Quality characteristics of independent auditing affect the conservativeness of accounting reports? To answer this question we developed a descriptive, bibliographic, documental and quantitative research. To capture the accounting conservativeness level was employed a model developed by Ball and Shivakumar (2005), while for measuring the quality characteristics of auditing were used proxies largely adopted in the literature. The regressions were estimated using the pooling approach of independent cross sections. The obtained results show that conservativeness of accounting is affected by the size of the auditing firm, while the time of provision of auditing services and the delay in issuing the auditor report have an inverse relationship with the quality of accounting information. Any other statistical significance was found for other relationship tested between characteristics of accounting quality and conservativeness of accounting information. The fact of considering only the relationship between the characteristics of quality auditing and accounting conservativeness is a weakness of this research.

Key words: Auditing. Quality auditing. Accounting conservativeness.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de demonstrações contábeis auditadas – firma de auditoria x ano.....	51
Tabela 2 – Percentual de demonstrações contábeis auditadas – firma de auditoria x ano	52
Tabela 3 – Tipo de relatório de auditoria	53
Tabela 4 – Evolução da implantação do comitê de auditoria	53
Tabela 5 – Evolução dos serviços de não auditoria.....	54
Tabela 6 – Estatísticas descritivas das variáveis contínuas	54
Tabela 7 – Correlações entre as variáveis	55
Tabela 8 – Estimação do modelo de conservadorismo com o tamanho da firma de auditoria ...	57
Tabela 9 – Estimação do modelo de conservadorismo com o tipo de cliente	59
Tabela 10 – Estimação do modelo de conservadorismo com o tempo de relacionamento e rodízio	60
Tabela 11 – Estimação do modelo de conservadorismo com o tempo de emissão do relatório da auditoria independente	62
Tabela 12 – Estimação do modelo de conservadorismo com serviços de não auditoria.....	63
Tabela 13 – Estimação do modelo de conservadorismo com a importância do cliente	64
Tabela 14 – Estimação do modelo de conservadorismo com a especialização da auditoria....	65
Tabela 15 – Parâmetros das variáveis de controle empregadas.....	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BMFBovespa – Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros

BACEN – Banco Central do Brasil

CVM – Comissão de Valores Mobiliários

CPC – Comitê de Pronunciamentos Contábeis

GAO – U.S. Government Accountability Office

IASB – International Accounting Standards Board

IFRS – International Financial Reporting Standards

NAS – Non-Audit Services

NBC T – Norma Brasileira de Contabilidade Técnica

SEC – U.S. Securities and Exchange Commission

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO	13
1.2	PROBLEMA DE PESQUISA	16
1.3	OBJETIVOS	17
1.3.1	Geral.....	17
1.3.2	Específicos	17
1.4	JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	17
1.5	ESTRUTURA DO TRABALHO	19
2	REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1	A RELEVÂNCIA DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL	20
2.2	CONSERVADORISMO: Qualidade das informações contábeis	23
2.3	A RELEVÂNCIA DA AUDITORIA INDEPENDENTE.....	24
2.4	CARACTERÍSTICAS DA QUALIDADE DA AUDITORIA INDEPENDENTE	26
2.4.1	Tamanho da empresa de auditoria independente (<i>Big Four</i>).....	29
2.4.2	Tipo de cliente da auditoria: administração da empresa ou comitê de auditoria	30
2.4.3	Período de relacionamento entre a auditoria e o cliente (<i>audit tenure</i>)	32
2.4.4	Tempo de emissão do relatório de auditoria (<i>audit delay</i>)	34
2.4.5	Serviços de não auditoria (<i>services not related to auditing</i>).....	34
2.4.6	Importância do cliente.....	35
2.4.7	Especialização da auditoria	36
2.4.8	Características da qualidade da auditoria e a qualidade das informações contábeis	37
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	41
3.1	TIPO DE PESQUISA	41
3.2	HIPÓTESES DO TRABALHO.....	42
3.3	PLANO AMOSTRAL E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	44
3.4	DEFINIÇÃO DO MODELO EMPREGADO E VARIÁVEIS OPERACIONAIS.....	44
3.4.1	Modelo de mensuração do nível de conservadorismo contábil	44
3.4.2	Análise da relação entre as características de qualidade da auditoria e o nível de conservadorismo contábil	46
3.4.3	Definição das variáveis para as características da qualidade da auditoria.....	47

4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	51
4.1	ANÁLISE DESCRITIVA DAS VARIÁVEIS	51
4.2	ANÁLISE DAS HIPÓTESES DE PESQUISA.....	56
4.2.1	Tamanho da empresa de auditoria independente (<i>Big Four</i>).....	56
4.2.2	Tipo de cliente da auditoria: administração da empresa ou comitê de auditoria	58
4.2.3	Período de relacionamento entre a auditoria e o cliente (<i>audit tenure</i>)	59
4.2.4	Atraso no relatório de auditoria independente (<i>audit delay</i>)	61
4.2.5	Serviços de não auditoria (<i>services not related to auditing</i>).....	62
4.2.6	Importância do cliente.....	63
4.2.7	Especialização da auditoria	65
4.2.8	Análise sobre as variáveis de controle	66
4.3	OUTRAS ANÁLISES ESTATÍSTICAS	67
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
	REFERÊNCIAS	72
	APÊNDICE	79

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Apesar de ser tema de inúmeros trabalhos na literatura internacional, a qualidade das informações contábeis é um assunto que carece de maiores estudos no ambiente contábil brasileiro, pois é pouco pesquisado se comparado com outros centros de pesquisas no exterior. Além do mais, verifica-se que as pesquisas nacionais e internacionais sobre as informações contábeis têm se concentrado mais fortemente na discussão da importância da contabilidade na precificação de ações no mercado de capitais (PAULO, 2007).

Espera-se que a informação contábil tenha uma boa qualidade, já que a preparação delas está sujeita à regulação de órgãos que buscam altos padrões de qualidade, como a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Banco Central do Brasil (BACEN), Comitê de Padrões Contábeis (CPC), entre outros.

Definir qualidade da informação contábil não tem sido uma tarefa simples. Um evento ou transação mensurado ou evidenciado de acordo com um determinado critério contábil pode ser considerado por um agente como uma informação de boa qualidade, enquanto outro agente econômico não lhe atribui a mesma qualidade.

Nessa linha de raciocínio, Scott (2003, p. 6) afirma que um investidor sofisticado pode reagir positivamente à mensuração dos ativos ao *fair value*, pois essa auxiliará na predição do desempenho futuro da companhia, enquanto outros investidores poderão reagir negativamente, considerando que os números contábeis divulgados não são confiáveis; ou pelo simples fato de que seu processo decisório está baseado no custo histórico. Assim, o ambiente da contabilidade, complexo e dinâmico, é também caracterizado pelo conflito entre as pressões exercidas pelos diferentes grupos de interessados na informação.

Portanto, a complexidade das atividades da contabilidade dificulta uma conceituação concreta sobre qualidade da informação contábil. As pesquisas sobre o tema (DECHOW; SCHRAND, 2004; BURGSTAHER; HAIL; LEUZ, 2006; DECHOW; GE; SCHRAND, 2010) descrevem diversos atributos da qualidade do conteúdo informacional da contabilidade. Após realizarem uma revisão de literatura, em alguns dos principais periódicos da área contábil, Dechow, Ge e Schrand (2010) identificaram os principais determinantes e as consequências da qualidade da informação contábil que estão presentes na literatura corrente.

Como os procedimentos de reconhecimento, mensuração e evidenciação da contabilidade são amplos e complexos, existem várias abordagens sobre os estudos da

qualidade das informações contábeis. Dechow, Ge e Schrand (2010) destacam diversos atributos da qualidade da informação contábil constantes nas pesquisas, como:

- a. Propriedade dos lucros: persistência, conservadorismo, gerenciamento de resultados;
- b. Reação dos investidores ao lucro e
- c. Indicadores externos para má representação dos lucros.

O conservadorismo é uma das principais características da qualidade das informações contábeis, de natureza subjetiva, e está inserido na maioria das estruturas conceituais de contabilidade. Diversos trabalhos analisaram conservadorismo nos sistemas contábeis de diferentes países (BASU, 1997; BALL; KOTHARI; ROBIN, 2000; BALL; SHIVAKUMAR, 2005; COSTA; COSTA, 2005; GIVOLY; HAYN; NATARAJAN, 2007; PAULO; ANTUNES; FORMIGONI, 2008; LAFOND; WATTS, 2008; MOREIRA; COLAUTO; AMARAL, 2010; ETTREDGE; HUANG; ZHANG, 2012). O conservadorismo é, de certa maneira, uma questão de ordem cultural, e não apenas uma escolha por determinada prática contábil. Existe uma tendência natural das pessoas para associarem, por exemplo, resultado a fluxo de caixa. Nesses termos, o custo histórico, é entendido por muitos como conservador, tendo uma maior valia que o fair value.

Esses estudos comumente conceituam o conservadorismo como o reconhecimento enviesado das más notícias, mais rapidamente do que o das boas notícias, ou seja, a contabilidade tem maior tendência para reconhecer uma despesa (ou perda) do que uma receita (ou ganho). Segundo Paulo; Antunes; Formigoni (2008, p. 3):

Têm-se como exemplos de práticas conservadoras:

- a. a mensuração baseada no custo não reconhece o incremento de valor, mas as normas requerem *impairment* no caso de declínio (conceito de custo ou mercado, dos dois o menor);
- b. o não reconhecimento de muitos ativos intangíveis e, se reconhecidos, sua avaliação pelos mesmos critérios de mensuração e evidenciação dos ativos tangíveis, e não pelos seus potenciais benefícios futuros;
- c. o registro das perdas esperadas quando elas se tornam conhecidas, enquanto os ganhos não são reconhecidos enquanto não forem realizados;
- d. a atribuição de maior peso às estimativas de perdas nos casos de dúvida.

Resumidamente, pode-se considerar o conservadorismo como uma prática de reconhecimento assimétrico que privilegia o critério contábil com o menor ativo/receita ou

maior passivo/despesa. Um maior reconhecimento oportuno das perdas (má notícia) é normalmente associado com o conservadorismo contábil (BASU, 1997).

Watts (2003a; 2003b) mostra que os fatores institucionais e organizacionais afetam o conservadorismo, considerando-se aspectos econômicos, sociais, culturais, geográficos e temporais.

Diversas pesquisas (WATTS, 2003; PAULO, 2007; DECHOW; GE; SCHRAND, 2010) sugerem que as características institucionais e organizacionais causam divergências nos níveis de conservadorismo entre empresas com estruturas societárias e econômicas diferentes, devendo ser observadas e analisadas pelos agentes econômicos em suas decisões.

O conservadorismo contábil pode ser motivado por diversos fatores. Um dos primeiros fatores seria o próprio conjunto de normas contábeis adotadas no país. Por exemplo, Ball, Kothari e Robin (2000) observaram que os resultados contábeis das firmas, em países com sistema jurídico *commom law*, são mais conservadores do que as empresas estabelecidas em países com sistema *code law*. Barth, Landsman e Lang (2008) evidenciam que as empresas que adotam as *International Financial Reporting Standards* (IFRS) apresentam perdas mais oportunamente do que aquelas que não as adotam.

Ball e Shivakumar (2005) encontram evidências que sugerem maior nível de conservadorismo das demonstrações contábeis das firmas públicas (companhias abertas) do que das firmas privadas do Reino Unido. Paulo, Antunes e Formigoni (2008) apresentam as mesmas evidências no mercado brasileiro, afirmando que as companhias fechadas apresentam menor probabilidade de reconhecimento oportuno das perdas.

Segundo Dechow, Ge e Schrand (2010), o reconhecimento da perda é mais oportuno quando os mecanismos de *enforcement* são mais fortes, como, por exemplo, sistema jurídico, auditoria, governança corporativa etc.

Entre esses mecanismos que levam os gestores a praticar o conservadorismo condicional está a auditoria externa. O trabalho dos auditores independentes é verificar se os relatórios contábeis produzidos pela entidade estão de acordo com as normas contábeis que a entidade está obrigada a cumprir.

Conforme Firmino, Damascena e Paulo (2010), com a análise da auditoria independente, as informações tendem a ter um melhor nível de qualidade, conduzindo o usuário a tomar melhores decisões e, conseqüentemente, gerando maiores benefícios econômicos. Dechow, Ge e Schrand (2010) explicam que o impacto dos auditores sobre a qualidade das informações contábeis deriva do seu papel em mitigar a má representação intencional ou não intencional da realidade econômica e financeira da firma.

Francis e Wang (2008) observaram que o reconhecimento oportuno das perdas é maior nas empresas que são auditadas por uma firma de auditoria independente, classificada *Big Four*¹.

Na literatura corrente, porém, existem poucas pesquisas que analisam a influência das outras características da auditoria sobre a qualidade das informações contábeis, tais como, tempo de relacionamento entre o auditor e o cliente, a especialização da auditoria, o tipo de cliente etc. Mesmo quando os estudos observam essas características, concentram-se sobre os aspectos de gerenciamento dos resultados contábeis.

Dentre as principais características da qualidade de auditoria constantes na literatura sobre o tema, destacam-se o tamanho da empresa de auditoria independente (*Big Four*), o tipo de cliente, o período de relacionamento entre a auditoria e o cliente (*audit tenure*), o tempo de emissão do relatório de auditoria (*audit delay*), os serviços de consultoria (*non-audit services*) e a importância do cliente (GAVER; PATERSON, 2001; CHUNG; KALLAPUR, 2003; KRISHNAN, 2003; FRANCIS; KEN, 2006; RUDDOCK; TAYLOR; TAYLOR, 2006; FRANCIS; WANG, 2008; DECHOW; GE; SCHRAND, 2010).

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Conforme descrito anteriormente, a qualidade das informações contábeis é afetada por diversos fatores. Entre eles, apresentam-se características relacionadas dos serviços prestados de auditoria (DECHOW; GE; SCHRAND, 2010). A literatura contábil considera que a qualidade das informações prestadas pela contabilidade é de difícil mensuração. Mas observa que o conservadorismo é um dos seus atributos mais pesquisado.

Apesar da relevância, as pesquisas realizadas, até o momento, analisaram de forma segregada a relação entre as características da qualidade da auditoria independente e o nível de conservadorismo nas demonstrações contábeis, principalmente, no mercado de capitais brasileiro. Diante disso, pode-se levantar o seguinte problema de pesquisa:

As características da qualidade da auditoria independente afetam o nível do conservadorismo dos relatórios contábeis reportados nas empresas auditadas?

¹ A literatura corrente denomina o grupo das quatro maiores firmas de auditoria do mundo como *Big Four*, composta pelas empresas PricewaterhouseCoopers, Deloitte Touche Tohmatsu, KPMG e Ernst & Young. Quando se utilizar o termo Big Five, nesse grupo inclui a Arthur Andersen.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

O objetivo geral deste trabalho é verificar se o nível do conservadorismo refletido nas demonstrações contábeis é influenciado pelas características da qualidade da auditoria independente no mercado de capitais brasileiro.

1.3.2 Específicos

Para se alcançar o objetivo geral da pesquisa, faz-se necessário atingir os seguintes objetivos específicos:

- a. Identificar se o nível de conservadorismo é influenciado pelo tamanho da empresa de auditoria independente.
- b. Identificar se o nível de conservadorismo é influenciado pelo tipo de cliente.
- c. Identificar se o nível de conservadorismo é influenciado pelo período de relacionamento entre a auditoria e o cliente.
- d. Identificar se existe relação entre o nível de conservadorismo e o tempo de emissão do relatório de auditoria.
- e. Identificar se existe relação entre o nível de conservadorismo e os serviços de não auditoria prestados pelas firmas de auditoria.
- f. Identificar se o nível de conservadorismo é influenciado pela importância do cliente.
- g. Identificar se o nível de conservadorismo é influenciado pela especialização da firma de auditoria.

1.4 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

O conservadorismo contábil é uma das principais características qualitativas das informações contábeis, estando presente direta ou indiretamente em todos os conjuntos normativos da contabilidade dos diversos países e do *International Accounting Standard Board* (IASB). Por outro lado, um dos principais mecanismos de governança corporativa é a

auditoria independente, que se torna tema recorrente de pesquisas, principalmente, após os escândalos financeiros no início do século XXI.

Adicionalmente, a literatura sugere um conjunto de atributos para se mensurar a qualidade da auditoria. As pesquisas nacionais e internacionais, porém, têm se concentrado basicamente em avaliar a qualidade dos lucros e sua relação com o tamanho da empresa de auditoria independente. Esses estudos, normalmente, caracterizam os serviços prestados pelas *Big Four*, como *proxy* de maior qualidade, bem como focam o comportamento dos *accruals* discricionários, como *proxy* de gerenciamento de resultados.

A investigação sobre o tamanho da firma de auditoria e *accruals* discricionários não contempla o amplo conjunto de variáveis que afetam a qualidade da auditoria e a qualidade das informações contábeis. Esse fato se agrava quando observadas as pesquisas no contexto brasileiro.

Por isso, esta pesquisa buscou analisar mais amplamente o conjunto de características da qualidade da auditoria, investigando fatores como tipo de cliente, período de relacionamento entre a auditoria e o cliente, tempo de emissão do relatório de auditoria, serviços de consultoria prestados pelas empresas de auditoria aos seus clientes auditados e importância do cliente.

Essas características já foram estudadas em outros ambientes e, até mesmo, no contexto brasileiro, mas, praticamente, pouco se investigou sobre a relação entre as características da qualidade da auditoria e o conservadorismo contábil, um dos principais atributos da qualidade da informação contábil.

Por fim, cabe destacar que Fargher, Taylor e Simon (2001) afirmam que a demanda por auditoria de maior qualidade é esperada em países mais desenvolvidos por causa da sofisticação dos procedimentos de auditoria exigidos. Assim, analisar a qualidade da auditoria, em ambientes institucionais e organizacionais diferentes daqueles dos países desenvolvidos, torna-se uma boa oportunidade de pesquisa, especialmente, no mercado brasileiro, onde praticamente não existem pesquisas sobre algumas características específicas da auditoria independente. Adicionalmente, com a adoção das normas contábeis emitidas pelo International Accounting Standard Board (IASB), o ambiente brasileiro é um campo propício para investigações que avaliem os diversos fatores que possam afetar a qualidade das informações oriundas da contabilidade.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho está dividido em cinco seções. Na primeira seção, é apresentada uma contextualização do tema, conduzindo para apresentação do problema de pesquisa, objetivos geral e específicos e justificativa.

Na segunda seção, é apresentada uma revisão de literatura sobre o tema, especialmente no que se refere à importância do conservadorismo contábil e da auditoria independente, além de sumarizar algumas pesquisas sobre o tema constantes na literatura.

Na terceira seção, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, em especial, plano amostral, desenvolvimento das hipóteses e modelo utilizado.

A apresentação e análise dos resultados empíricos são apresentadas na quarta seção. Por fim, na quinta seção, descrevem-se as considerações finais, limitações e sugestões para futuras pesquisas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A RELEVÂNCIA DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL

Em linhas gerais, pode-se considerar que o objetivo principal da contabilidade é prestar informações relevantes sobre as entidades aos seus diversos usuários. O produto da contabilidade é, portanto, a informação, que se caracteriza por sua utilidade e complexidade.

Entende-se que a informação contábil pode influenciar as decisões individuais de seus usuários, afetando a alocação dos recursos e o funcionamento dos mercados e, conseqüentemente, a eficiência da economia. Iudícibus (2004, p. 25) afirma que “o objetivo básico da contabilidade [...] pode ser resumido no fornecimento de informações econômicas para vários usuários, de forma que propiciem decisões racionais”. Paulo (2007, p. 23) afirma que “a contabilidade é uma atividade complexa e dinâmica, sendo caracterizada pelo conflito entre as pressões exercidas pelos diferentes grupos de interessados na informação”.

Observando a Teoria da Agência, Lopes e Martins (2005, p. 32-33) afirmam que “o objetivo da firma é a redução dos diversos custos associados aos contratos, sendo que seu funcionamento depende do equilíbrio contratual estabelecido, podendo ser prejudicado ou interrompido se alguma das partes estiver insatisfeita”.

Muitos desses contratos envolvem variáveis contábeis, como, por exemplo, a remuneração dos gestores quando baseado no desempenho econômico da empresa ou os credores que podem demandar proteção do capital emprestado através da manutenção de certos indicadores financeiros. Assim, a informação contábil, observada pela ótica dos custos de contratos, tem o papel de auxiliar no monitoramento e cumprimento dos contratos para reduzir os custos da agência de certos conflitos de interesses.

Os problemas de agência geram custos aos principais, representados através de custos com monitoramento, bonificação aos agentes e outras perdas residuais (SCHROEDER et al, 2001, p. 49). Os custos com monitoramento são os gastos efetuados pelo principal para controlar o comportamento do agente, como, por exemplo, os gastos com auditores externos. Os custos com bonificação referem-se, geralmente, aos gastos com a remuneração do agente para que ele desempenhe ações conforme o interesse do principal. As perdas residuais ocorrem quando as ações adotadas pelo agente diferem daquelas que seriam praticadas pelo principal, tendo essa divergência efeito sobre a riqueza do principal.

A Teoria da Agência afirma que os indivíduos atuam para maximizar suas próprias utilidades, ao ponto que os acionistas esperam incorrer em custos de monitoramento e de bonificação, que devem ser menores do que as perdas residuais.

Bushman e Smith (2001, p. 238) definem o papel da informação contábil como mecanismo de controle que promove a governança eficiente das empresas. Mecanismos de controle corporativo referem-se aos meios necessários para que o agente (administrador) atue razoavelmente alinhado aos interesses do principal (acionistas), buscando reduzir a probabilidade de o agente não atuar de acordo com o interesse do principal. Esses mecanismos podem ser classificados em internos (por exemplo, planos de incentivos, monitoramento gerencial e mercado de trabalho interno) ou externos (monitoramento pelos acionistas, credores e órgãos reguladores, legislação do mercado de capitais, entre outros).

A contabilidade auxilia, portanto, na redução dos problemas de agência, à medida que busca reduzir a assimetria informacional entre o agente e o principal, e contribui na estruturação de mecanismos de mensuração/monitoramento/incentivos.

Considerada a relação da seleção adversa e risco moral, espera-se que, por exemplo, o principal (indivíduo menos informado) procure mais informações para monitorar o comportamento do agente (indivíduo mais informado). Assim, um aumento no nível de informações, conseqüentemente, pode reduzir os custos de capital em detrimento da elevação de alguns custos contratuais.

Uma maneira teoricamente possível para reduzir a seleção adversa seria através da evidenciação ampla, pois o aumento do volume de informações disponíveis e ajustes no momento (oportunidade) da divulgação das informações reduzem a capacidade dos *insiders* em obter maiores lucros baseados em informações privilegiadas. Mas, como exposto anteriormente, qualquer informação, incluindo-se a oriunda da contabilidade, possui custos para sua obtenção, o que dificulta a eliminação total dos problemas da agência.

A redução dos problemas de seleção adversa e de risco moral também poderia ser obtida através da regulamentação. As entidades governamentais ou de representação de classe podem regular o funcionamento da contabilidade, por meio de parâmetros de mensuração e evidenciação das informações contábeis, inclusive estabelecendo penalidades para aqueles que não cumprirem suas determinações.

Para Scott (2003, p. 412), o principal argumento em favor da regulação da contabilidade é o de proteger os indivíduos que estariam em desvantagens informacionais dentro de um determinado mercado. Lopes e Martins (2005, p. 85) afirmam que:

Os argumentos que favorecem a regulamentação da contabilidade são, em sua maior parte, baseados no argumento de que agências governamentais, e outros órgãos similares, possuem vantagens comparativas em relação ao mercado na exigência do fornecimento de informações. Esses argumentos baseiam-se na hipótese de que o mercado livremente não seria capaz de impor uma disciplina adequada para a evidenciação pública das informações; nesse cenário, investidores minoritários e outros agentes menos favorecidos, como sindicatos, seriam penalizados.

Os autores (2005, p. 85) advertem que “não existem evidências empíricas claras a esse respeito” e citam o exemplo do Reino Unido, “que permaneceu durante grande parte do século XX, absolutamente livre de influência governamental”, o que contraria a hipótese apresentada anteriormente.

Enquanto os administradores desejam maior flexibilidade nas escolhas contábeis para comunicar suas informações aos usuários das demonstrações contábeis com maior eficiência, os reguladores da contabilidade buscam limitar as oportunidades de os gestores apresentarem números não condizentes com a realidade econômica e financeira.

Para Beaver (1998, p. 13), os relatórios contábeis têm diversas consequências econômicas que afetam, por exemplo:

- a. a distribuição da riqueza entre os indivíduos;
- b. o risco agregado ocorrido e a alocação dos riscos entre os indivíduos;
- c. o consumo agregado e a produção agregada;
- d. a alocação de recursos entre as firmas;
- e. o uso dos recursos destinados para a: produção, certificação, disseminação, processamento, análise e interpretação da informação publicamente disponível;
- f. o uso dos recursos no desenvolvimento, conformidade (*compliance*), execução (*enforcement*) e processos de regulação; e
- g. a busca de informações privadas.

Diante das várias consequências econômicas das informações prestadas pela contabilidade aos diversos usuários, pode-se considerar a escolha das práticas a serem observadas no sistema contábil como uma escolha social, sendo um trade-off entre os agentes econômicos em um processo político. Zeff (1978, p. 56) define a consequência econômica como “o impacto dos relatórios contábeis sobre o comportamento da tomada de decisão dos

negócios, governo, sindicato, investidores e credores”², sendo que o comportamento de um indivíduo ou grupo pode estar em conflito com interesse de outros agentes. Assim, Scott (2003, p. 259) afirma que, apesar das implicações da teoria do mercado eficiente, a escolha da política contábil pode afetar o valor da firma.

Watts e Zimmerman (1986, p. 3) asseguram que, no momento de decidir sobre como reportar as informações contábeis, os indivíduos procuram conhecer como as alternativas de mensuração e evidenciação afetam suas riquezas. Entretanto, os efeitos das escolhas contábeis sobre a riqueza dos indivíduos são complexos e podem não ser integralmente determinados pela mera observação.

Com características idiossincráticas em cada ambiente econômico, a natureza e extensão dos mecanismos de governança diferem amplamente entre os países e companhias. Devido à má conduta empresarial e às fraudes praticadas por grandes corporações nos últimos tempos, utilizando as informações contábeis como instrumento para tal comportamento, tem-se colocado em situação delicada a confiabilidade sobre os relatórios contábeis, verificando-se um aumento de pesquisas desse tema em diferentes ambientes: econômico, social e político.

Essa preocupação com a fidedignidade sobre a contabilidade é justificada, pois a avaliação do desempenho empresarial influencia a decisão de alocação dos recursos. Entende-se, no entanto, que essa tarefa é demasiadamente complexa, pois o indivíduo que busca analisar as demonstrações contábeis e outros relatórios financeiros necessita compreender o ambiente empresarial e contábil em que a empresa está inserida (MARTINS, Eliseu, 2005a, 2005b).

2.2 CONSERVADORISMO: **Qualidade das informações contábeis**

A contabilidade busca apresentar informações úteis sobre as entidades aos diversos usuários. Mas o crescente volume de transações e maior complexidade das atividades empresariais, as necessidades de informações dos administradores e dos demais usuários da contabilidade tornam-se cada vez mais distintas.

Muitos estudos (BASU, 1997; AHMED et al, 2000; BALL et al, 2000; BALL; SHIVAKUMAR, 2005) conceituam o conservadorismo como o reconhecimento enviesado das más notícias, mais rapidamente do que o das boas notícias. Para Basu (1997, p. 3), o conservadorismo é o resultado que reflete as más notícias mais rapidamente do que as boas

² Tradução livre de: “[...] the impact of accounting reports on the decision-making behavior of business, government, unions, investors and creditors.”

notícias, levando às “diferenças sistemáticas entre os períodos das más notícias e das boas notícias no *timeless* e persistência dos resultados”.

O conservadorismo implica decisões sobre o momento do reconhecimento oportuno dos ganhos e das perdas e, conseqüentemente, influencia a escolha contábil. Porém, como outras características da informação contábil, o conservadorismo sofre influência do ambiente institucional e organizacional das empresas.

Por outro lado, Holthausen e Watts (2001, p. 37) consideram que o “conservadorismo pode ser devido às fontes de contratação, litígio e/ou tributária, deste modo destacando-se aspectos de múltiplos objetivos das demonstrações financeiras”. Lopes (2002, p. 42) afirma que “a ideia geral do conservadorismo é fornecer informações mais confiáveis aos investidores por meio de demonstrações que não sejam excessivamente otimistas”.

Nesse sentido, o conservadorismo limita as ações dos gestores, disciplinando o “entusiasmo natural de alguns donos e administradores de negócios na apresentação das perspectivas da entidade” (IUDÍCIBUS, 2004, p. 82) e contribuindo para o aumento da confiabilidade dos agentes externos sobre os números contábeis reportados.

Watts (2003a; 2003b) e Holthausen e Watts (2001) afirmam ainda que o conservadorismo é importante no estabelecimento das relações contratuais entre a firma e seus credores, com intuito de assegurar garantias mínimas para o cumprimento das obrigações e na redução da probabilidade de que os recursos serão distribuídos inadequadamente para alguns agentes. O comportamento conservador pode minimizar o gerenciamento de resultados contábeis através da maior verificabilidade, pois, para Watts (2003a, p. 211), as práticas contábeis são mais exigentes com o nível de verificação das boas notícias do que com o das más notícias.

Assim, o conservadorismo torna-se um instrumento eficiente no estabelecimento dos contratos, pois restringe o comportamento oportunístico dos administradores em benefício próprio ou dos outros interessados (HOLTHAUSEN; WATTS, 2001; WATTS, 2003a).

2.3 A RELEVÂNCIA DA AUDITORIA INDEPENDENTE

O Report of the Committee in Basic Auditing Concepts of the American Accounting Association define Auditoria como:

Um processo sistemático de obtenção e avaliação objetiva de evidências sobre afirmações a respeito de ações e eventos econômicos, para aquilatação do grau de correspondência entre as afirmações e critérios estabelecidos, e de comunicação dos resultados a usuários interessados. (BOYNTON, JOHNSON; KELL, 2002, p. 30-31)

A auditoria é importante para o desenvolvimento econômico de uma empresa, do governo e para a prestação de informações a usuários internos e externos. Segundo Sunder (1997), a principal contribuição da auditoria para a empresa é a verificação dos sistemas contábeis. A auditoria reduz a assimetria informacional através do exame e da validação das informações contábeis reportadas. Para Ruddock, Taylor e Taylor (2006, p. 4), “os auditores podem adicionar valor às demonstrações financeiras pela redução da probabilidade da má representação deliberada da informação contábil”³.

O desenvolvimento das atividades executadas pelos auditores é crucial para emissão de uma opinião profissional sobre a qualidade das informações contábeis reportadas aos interessados na realidade econômica e financeira da empresa. Mesmo diante da subjetividade, a perspectiva do usuário é de que a opinião da auditoria expressa plena confiança da realidade econômica e financeira da empresa auditada.

Paulo (2007, p. 36-37) considera que “os benefícios econômicos das informações contábeis aumentam quando são auditadas, pois se acredita, *a priori*, que estão menos sujeitas a distorções do que aquelas que não foram examinadas pelos auditores”. Consequentemente, espera-se que as demonstrações contábeis auditadas apresentem maior qualidade nas informações contábeis, tornando-se mais relevantes, por exemplo, para a predição dos fluxos de caixa futuros, identificação de oportunidades e riscos de negócios e diminuição de ações oportunísticas dos administradores.

Para Healy e Palepu (2003, p. 15-16), as empresas de auditoria reagem no ambiente empresarial de diversas maneiras, pois fazem *lobby* em favor da aprovação ou não de determinadas normas contábeis e de auditoria e desenvolvem procedimentos de trabalho que visam a minimizar os riscos de suas atividades. Esses fatos reduzem os custos da auditoria e fornecem melhores parâmetros nos casos de litígios.

Mas Sunder (1997) adverte que a maioria das decisões dos auditores é baseada em suas crenças e julgamentos subjetivos sobre as informações contábeis reportadas e quanto aos aspectos econômicos e financeiros do cliente. Adicionalmente, pode-se considerar que julgamento também está relacionado à experiência do auditor e ao relacionamento com a empresa auditada.

Quando a relação entre o auditor e o cliente se torna mais próxima, ele se distancia do papel de julgador (neutro e/ou isento) das informações contábeis reportadas pela empresa auditada. Duncan e Knoblett (2000, p. 34-35) apontam que o nível moral dos contadores e dos

³ Tradução livre de: “Auditors can add value to financial statements by reducing the likelihood of the deliberate misreporting of accounting information”.

auditores é um fator essencial na adequada execução das atividades profissionais, inibindo a prática oportunística. Mas os gestores, inclusive aqueles com baixo nível moral, evitam tal comportamento quando a probabilidade de detecção se torna mais elevada do que seus benefícios.

Esse cenário torna-se complexo e também deixa o auditor com preocupações que podem se tornar contraditórias. De um lado, ele busca satisfazer o cliente (normalmente, o gestor) e, por outro, necessita minimizar os riscos inerentes à sua atividade profissional, ou seja, afeta a independência do auditor.

Bazermam (2004, p. 2) alerta, entretanto, que as fraudes contábeis nem sempre são resultantes de conluio deliberado entre o auditor e o cliente e que as falhas de auditoria podem ter explicações nos vieses sistemáticos de julgamento inconsciente e não intencional sobre as demonstrações contábeis.

A qualidade das informações contábeis reportadas é influenciada pela qualidade da auditoria, pois ela restringe a manipulação dos números contábeis. Nessa linha de raciocínio, Becker et al. (1998) evidenciam que as firmas auditadas pelas maiores empresas de auditoria (na época, *Big Six*) possuem menor nível de comportamento oportunístico. Piot (2005), com base em uma amostra de companhias francesas, apresenta resultados que corroboram os achados de Becker et al. (1998).

A partir da constatação do envolvimento da empresa de auditoria Arthur Andersen LLP, no escândalo financeiro da Enron Corporation, em 2001, os órgãos reguladores do mercado financeiro e da contabilidade em diversos países procuram garantir maior independência e qualidade dos serviços prestados pela auditoria independente. Entre várias medidas, destacam-se o rodízio da auditoria, a proibição ou inibição de prestação de serviços ao cliente que está sendo auditado e a divulgação obrigatória dos honorários pagos aos auditores externos por tipo de serviços.

2.4 CARACTERÍSTICAS DA QUALIDADE DA AUDITORIA INDEPENDENTE

Segundo DeAngelo (1981, p. 186), a qualidade da auditoria é composta pela probabilidade conjunta que o auditor possa detectar e reportar erros materiais no sistema contábil do cliente. A detecção de erros materiais está relacionada à competência técnica, enquanto que a divulgação desses erros remete à independência do auditor. A autora descreve que a competência do auditor está relacionada à habilidade técnica do profissional, a procedimentos e à extensão dos exames realizados. A habilidade técnica da equipe de

auditoria é fortemente influenciada por sua especialização e pela maior qualificação dos auditores, da qual se espera o aumento da qualidade da auditoria.

O’Keefe e Westort (1992) e O’Keefe, King e Gaver (1994) afirmam que a qualidade da auditoria aumenta com o conhecimento específico do ramo de atividade do cliente, bem como com outros conhecimentos não relacionados à atividade econômica do cliente (conhecimento geral), como, por exemplo, conhecimento das procedimentos de auditoria e conhecimento das normas contábeis vigentes no ambiente empresarial em que o cliente está inserido.

Adicionalmente, acredita-se que um nível maior de esforço empregado aumente a probabilidade para se avaliar adequadamente a conformidade das informações contábeis reportadas pelo cliente. Deve-se considerar também que as particularidades de cada cliente afetem a qualidade da auditoria. Diante disso, O’Keefe, King e Gaver (1994, p. 44) descrevem a seguinte função da qualidade da auditoria:

$$QA = f(L;KIS;GC;CSK;CC) \quad (1)$$

Em que:

QA = qualidade da auditoria;

L = esforço de trabalho (*Labor*);

KIS = conhecimento específico do ramo econômico (*Industry Specific Knowledge*);

GC = conhecimento geral (*General Knowledge*);

CSK = conhecimento específico sobre o cliente (*Client Specific Knowledge*) e

CC = características do cliente (*Client Characteristics*).

Uma empresa de auditoria com investimento ótimo em conhecimento pode combinar conhecimento e esforço de trabalho de maneira mais eficiente do que as suas concorrentes, o que provavelmente irá propiciar uma maior qualidade da auditoria.

No que se refere à independência da auditoria, Braunbeck (2010, p. 44) divide em três grupos as medidas utilizadas para mensurar a qualidade da auditoria:

- a. métricas baseadas em informações contábeis: utiliza a hipótese de que a qualidade da informação contábil está positivamente relacionada à qualidade da auditoria;

- b. métricas baseadas em variáveis de mercado: têm como fundamento, a ideia de que a qualidade da auditoria está relacionada ao grau de confiança percebida pelo usuário das informações contábeis; e
- c. métricas baseadas em informações resultantes do próprio processo de auditoria: parte da lógica de que os recursos alocados nos serviços de auditoria, como tempo, dinheiro, honorários, afetam a qualidade da auditoria.

DeFond e Subramanyam (1998) afirmam que os auditores têm mais incentivos para um comportamento mais conservador quanto maior o risco de litígio, em especial, quando da proximidade da mudança da firma de auditoria independente. Becker et al. (1998), Piot (2005) e Francis e Yu (2009) relatam que firmas auditadas pelas maiores empresas de auditoria independente têm menor o nível de gerenciamento de resultados. Krishnan (2003) relata que firmas examinadas por auditores com maior especialização tendem a reportar informações de melhor qualidade.

No Brasil, Martinez (2001) e Almeida e Almeida (2009) apresentam evidências de que as empresas auditadas por empresas de auditoria independente, de menor porte (empresas não *Big Five* e *Big Four*, respectivamente), têm menor gerenciamento de resultados. Braunbeck (2010) apresenta evidências de que as maiores empresas de auditoria apresentam maior qualidade na prestação de seus serviços. Observa-se, portanto, que no ambiente brasileiro os resultados não são consistentes, tornando-se oportunas maiores investigações sobre o assunto.

Azevedo (2007) evidenciou que o rodízio das empresas de auditoria diminui o gerenciamento de resultados contábeis. Utilizando medidas baseadas em variáveis de mercado, Ghosh e Moon (2005) evidenciam que o mercado atribui maior confiança nas demonstrações contábeis de empresas que são auditadas por maior tempo pela mesma empresa de auditoria, levando a um aumento do maior valor de mercado da firma, devido à confiança percebida. Já Hussainey (2009) apresentou resultados indicando que as demonstrações contábeis têm maior poder preditivo dos resultados futuros quando são auditadas por uma grande firma de auditoria.

Braunbeck (2010) apresenta evidências de que companhias abertas brasileiras mais endividadas (maior monitoramento), bem como auditadas por uma das firmas de auditoria *Big Four*, têm maior qualidade de auditoria; enquanto que as empresas com maior nível de conflito, entre os acionistas controladores e não controladores, possuem menor qualidade.

Na linha de métricas baseadas em informações resultadas do próprio processo de auditoria, considera-se que os recursos alocados para as atividades de auditoria (*inputs*), como

tempo, conhecimento, honorários e esforço da auditoria (número de horas), afetam, significativamente, a qualidade da auditoria. Caramaris e Lennox (2008) descrevem que o esforço da auditoria influencia a capacidade de se detectar algum problema nas demonstrações contábeis do cliente.

Sob outra ótica, Bamber e Iyer (2007) indicam que as pesquisas devem avaliar os efeitos das forças sociais ou incentivos sobre a auditoria independente, sendo relevante desassociar os efeitos das consequências sociais das monetárias.

Entretanto, Fargher, Taylor e Simon (2001, p. 409) advertem que:

Desafortunadamente, teorias existentes não fornecem uma percepção suficiente que nos permita identificar o conjunto completo de variáveis endógenas que são conjunta ou simultaneamente determinadas com a qualidade da auditoria, ou as variáveis exógenas que as suportam.⁴

Os diversos agentes econômicos (acionistas controladores, acionistas minoritários, gestores, agências governamentais, instituições financeiras, fornecedores, clientes, empregados, entre outros) empregam esforços para avaliar a qualidade da auditoria, pois eles têm pouca informação sobre os incentivos do auditor que possam afetar a formação da opinião sobre a conformidade dos relatórios contábeis.

2.4.1 Tamanho da empresa de auditoria independente (*Big Four*)

A seleção da empresa de auditoria (ou auditor) é, normalmente, baseada em competência técnica e na renumeração dos serviços, da qual resulte a escolha de uma empresa que forneça serviços de alta qualidade. Segundo O'Keefe, King e Gaver (1994, p. 43), a “especialização no setor do cliente pelo escritório local da firma de auditoria é um sinal útil relativo à competência técnica do auditor”⁵.

Lindberg (2001, p. 430) afirma que, se as demonstrações contábeis são auditadas por uma empresa com maior reputação, elas são consideradas mais precisas, o que permite às empresas de maior prestígio comandar o setor devido ao valor de mercado de sua opinião. DeAngelo (1981) considera que as maiores firmas de auditoria têm maiores clientes e, por isso, possuem também maior preocupação em prejudicar sua reputação por causa de falhas na

⁴ Tradução livre de: “Unfortunately, existing theory does not provide sufficient insight to allow us to identify either the complete set of endogenous variables that are jointly and simultaneously determined with audit quality, or the exogenous variables which underlie them”.

⁵ Tradução livre de: “specialization in the client's industry by the local office of the audit firm is a useful signal regarding the technical competence of the auditor”.

opinião reportada de um de seus clientes. Um exemplo bem explícito desse fato é a perda de credibilidade da firma de auditoria Arthur Andersen LLP⁶, no ano de 2001, quando do seu envolvimento nos escândalos financeiros da sua cliente Enron Corporation.

Copley, Gaver e Gaver (1995 apud FARGHER; TAYLOR; SIMON, 2001) consideram que o nível demandado para a reputação do auditor é determinado pela necessidade de redução dos problemas de agência da firma auditada. A literatura acadêmica sugere que as maiores empresas internacionais de auditoria independente, denominadas *Big Four*, possuem maior reputação nessa atividade (FARGHER; TAYLOR; SIMON, 2001), o que sugere maior independência econômica.

Assim, diversas pesquisas (CLARKSON; SIMUNIC, 1994; DeFOND; SUBRAMANYAM, 1998; FARGHER; TAYLOR; SIMON, 2001; CUPERTINO; MARTINEZ, 2008; ALMEIDA; ALMEIDA, 2009; GUL, FUNG, JAGGI, 2009) utilizaram o tamanho da firma de auditoria como *proxy* para reputação da auditoria. Clarkson e Simunic (1994) consideram que novos emissores de ações no mercado de capitais demandam auditoria de maior tamanho para sinalizar menor nível de risco específico da firma. Gul (2009) evidencia que firmas auditadas por profissionais especializados apresentam maior qualidade de informações contábeis.

No ambiente brasileiro, Martinez (2001, p. 146) apresenta evidências de que as empresas de auditoria nacionais são mais tolerantes ao gerenciamento dos lucros do que aquelas denominadas, na época, *Big Five*.

A prestação, portanto, de serviços por uma grande empresa de auditoria pode restringir o comportamento oportunista. Além da maior independência atribuída às maiores firmas de auditoria, considera-se que essas empresas possuem melhores mecanismos de transmissão dos conhecimentos específicos do ramo econômico e do cliente, bem como dos conhecimentos gerais.

2.4.2 Tipo de cliente da auditoria: administração da empresa ou comitê de auditoria

Com a exigência do estabelecimento do comitê de auditoria independente (*independent oversight board*) pela Lei Sarbanes-Oxley, em 2002, profissionais e acadêmicos começaram a debater mais fortemente sobre a eficiência dessa ‘ferramenta’ de governança. Entre os principais atributos desse comitê estariam a indicação, o estabelecimento da

⁶ A Arthur Andersen LLP era uma das cinco maiores empresas de auditoria do mundo (Big Five) e teve uma receita líquida acima de 9 bilhões de dólares americanos em 2001.

remuneração e a supervisão do auditor independente. Essas atribuições eram, normalmente, desempenhadas pela administração, afetando assim a independência do auditor contratado para analisar as demonstrações contábeis da firma.

Moore et al. (2006) consideram que a independência da auditoria é influenciada principalmente pelos incentivos de retenção do cliente e pela pressão exercida sobre a contabilidade. Os incentivos de retenção do cliente surgem quando o auditor tem incentivos financeiros para tornar-se tolerante com as decisões dos gestores que não representam a melhor conduta para a empresa.

Segundo Koch, Weber e Wüstemann (2011), esses incentivos dependem do tipo de cliente que contrata os serviços de auditoria independente, pois, caso seja de responsabilidade da administração, os auditores são mais inclinados a aceitar os métodos contábeis preferidos pelos gestores da firma.

Por outro lado, quando as relações contratuais são acordadas e monitoradas através do comitê de auditoria, e esse está alinhado com os interesses dos acionistas, os auditores tornam-se mais criteriosos na avaliação das práticas contábeis escolhidas pelos gestores, pois sentem menor receio de serem substituídos quando estiverem em desacordo com a administração da firma. O risco de perder o cliente se dá quando o cliente é importante, quando o auditor recebe algum tipo de premiação para retenção do cliente ou quando o cliente representa oportunidade de negócios futuros.

A pressão sobre a contabilidade acontece quando o auditor se sente responsável em relação aos riscos da adoção de preferências discricionárias da administração. Esse comportamento pode ocorrer quando o auditor, inconscientemente, evita o conflito com terceiros com quem ele se considera responsável, podendo surgir mesmo sem a presença de incentivos monetários (KOCH; WEBER; WÜSTEMANN, 2011). A possibilidade de contratação de serviços de assessoria (serviços de não auditoria) pode gerar mais incentivos ligados à retenção do cliente do que à pressão.

Segundo Koch, Weber e Wüstemann (2011), a transferência da decisão das relações contratuais com a auditoria independente para o comitê de auditoria pode mitigar os incentivos de retenção do cliente, bem como reduzir a pressão sobre a contabilidade.

Uma alternativa para o comitê de auditoria seria atribuir as funções desse órgão ao conselho fiscal da empresa. Essa possibilidade foi permitida pela *Securities and Exchange Commission* (SEC) para as empresas brasileiras que negociam *American Depositary Receipts* (ADRs) no mercado norte-americano. Futura (2010) analisou os fatores que contribuem para a opção por uma dessas duas estruturas de governança corporativa, bem como para a

consequência da escolha. A autora apresenta evidências de que as maiores companhias tendem a optar pela formação do comitê de auditoria. E aponta que os agentes econômicos no mercado de capitais brasileiro são indiferentes à escolha pelo comitê de auditoria e conselho fiscal modificado, sendo que não há mudanças na percepção de independência da auditoria.

Myers, Myers e Omer (2003) e Chen, Lin e Lin (2008) observaram que existe uma relação negativa entre os *accruals* discricionários e o tempo de relacionamento do cliente-auditor, no mercado norte-americano e tailandês, respectivamente.

Com base em pesquisa experimental, Koch, Weber e Wüstemann (2011) não encontraram evidências, no ambiente germânico, de que o tipo de cliente (administração ou comitê de auditoria) afete significativamente a independência da auditoria. Verificaram, entretanto, que os auditores com maiores incentivos de retenção de cliente são mais propensos a aceitar métodos contábeis preferidos pelos gestores, quando ele é contratado pela administração da empresa. Assim, a contabilidade apresenta resultados contábeis mais agressivos (maior discricionariiedade), ao passo que, quando contratado pelo conselho de auditoria, os números são mais conservadores.

Por fim, os autores afirmam que um comitê de auditoria mais forte está associado a uma maior qualidade das informações contábeis prestadas pela firma, em especial, com uma maior qualidade de auditoria.

2.4.3 Período de relacionamento entre a auditoria e o cliente (*audit tenure*)

Os reguladores da contabilidade dispõem grande atenção ao período de relacionamento entre o cliente e a auditoria independente. Li (2010, p. 227) considera que uma relação extensa entre o cliente e o auditor cria um nível de excessiva familiaridade, prejudicando a qualidade da auditoria. Acredita-se que a prestação de serviços de auditoria para uma mesma entidade, por um longo período de tempo, pode prejudicar a qualidade do serviço; assim, o rodízio dos auditores reduzirá os conflitos de interesses causados pela relação longínqua entre cliente e auditor.

O principal argumento favorável, portanto, ao rodízio de firmas de auditoria é a de que o novo auditor será mais cético nas informações prestadas pela empresa auditada do que aquele profissional com longos anos de relação com o cliente. Por outro lado, contra o rodízio tem-se o fato de que a qualidade não decorre apenas da independência do auditor, mas também do conhecimento específico sobre o cliente, que se perde quando da mudança da auditoria (GHOSH; MOON, 2005).

Li (2010) considera que o rodízio obrigatório da auditoria melhora a qualidade da auditoria, devido à manutenção da independência, e lança ‘novos olhares’ sobre as informações prestadas pela empresa auditada.

Existem, porém, alguns questionamentos sobre a relação custo-benefício do rodízio, pois esse mecanismo aumenta fortemente o custo de transação dos contratos de auditoria. Li (2010) afirma que uma relação mais duradoura entre auditor-cliente aumenta o monitoramento pelos demais agentes econômicos (reguladores, investidores institucionais etc.), o que leva as empresas auditadas a serem mais conservadoras, reduzindo risco de litígio.

O *US Government Accountability Office – GAO* (2003) pondera sobre a efetiva contribuição do rodízio de auditores, considerando que esse instrumento pode não ser um meio eficiente de aumentar a independência da auditoria e de garantir a qualidade dos serviços prestados por ela, pois aumenta os custos da firma e perde o conhecimento institucional sobre o cliente. Adicionalmente, as mudanças de auditoria independente frequentemente incorrem em gastos inesperados para os grandes clientes, mais do que para os menores.

Buscando maior compreensão sobre a influência da auditoria, DeFond e Subramanyam (1998) encontram evidências de que a prática discricionária decresce no último ano antes da troca de empresa de auditoria. Jenkins e Velury (2008) identificaram que existe uma relação positiva entre o conservadorismo contábil e o período de relacionamento entre auditoria e cliente. Li (2010) verificou, entretanto, que essa associação positiva somente ocorre para firmas maiores ou que são fortemente monitoradas por seus auditores, enquanto que, para as demais empresas (menores ou pouco monitoradas), observou uma relação negativa.

Formigoni et al. (2008), baseados na visão dos gestores das empresas brasileiras, concluem que o rodízio de auditores independentes não tem relevância na qualidade e na independência dos serviços prestados de auditoria. Bassetti (2011) demonstra que o rodízio da auditoria não contribui para independência da auditoria nem aumenta a qualidade dos serviços de auditoria

Assim, tem-se uma percepção ambígua sobre o período de relacionamento entre o auditor e seu cliente. De um lado, há aqueles (em especial, os reguladores) que alegam que grande período de relação entre cliente-auditor gera um nível de proximidade que pode prejudicar a independência e a qualidade da auditoria. Ainda consideram que longos períodos de serviços de auditoria podem resultar uma excessiva familiaridade entre a administração e o auditor, o que possibilitaria uma maior pressão do cliente sobre a auditoria ou mesmo um

conluio. Do outro, há os que defendem que o rodízio de auditoria aumenta o custo dos serviços prestados e perda do conhecimento prévio sobre o cliente.

2.4.4 Tempo de emissão do relatório de auditoria (*audit delay*)

A literatura corrente considera que as firmas com conteúdo informacional superior ao de suas ‘congêneres’, possuem incentivos para antecipar a divulgação dos seus relatórios (LOBO; ZHOU, 2005). Em uma mesma linha de raciocínio, pode-se considerar que a velocidade de emissão do relatório de auditoria pode sinalizar algum atributo da qualidade sobre as informações contábeis reportadas pela empresa.

Um menor tempo na emissão do relatório de auditoria, sobre as demonstrações contábeis de uma determinada firma auditada em relação à outra, sugere que a primeira possui informações contábeis de melhor qualidade.

O termo ‘*audit delay*’, aqui traduzido como ‘tempo de emissão do relatório de auditoria’, segundo Ng e Tai (1994), é definido como o prazo entre o final do ano-competência e a data do parecer do auditor.

Krishnan e Yang (2009) apresentam evidências de que a qualidade dos lucros das companhias norte-americanas piora com o aumento do prazo de entrega do relatório por parte do auditor. Para as companhias australianas, Whittred e Zimmer (1984) observaram que a divulgação das demonstrações contábeis é mais tardia quando o parecer do auditor é do tipo modificado. Soltani (2002) também constata o mesmo comportamento para as companhias abertas francesas, no período de 1986 a 1995.

2.4.5 Serviços de não auditoria (*services not related to auditing*)

Como descrito anteriormente, a independência da auditoria tornou-se cada vez mais fraca à medida que as receitas oriundas de outros serviços de não auditoria se tornaram mais significativas no faturamento total da firma (CHUNG; KALLAPUR, 2003; FRANCIS; KEN, 2006).

Diante desse cenário, os reguladores têm procurado proibir ou inibir a prestação de serviços de consultoria pelas firmas de auditoria independente aos clientes por eles auditados, aumentando a relação de independência do auditor e possibilitando o aumento da qualidade das informações contábeis reportadas.

Ruddock, Taylor e Taylor (2006) descrevem que duas das principais razões para essa preocupação é que: a) o auditor pode hesitar em não criticar o colega da área de consultoria da sua própria firma; e b) a remuneração dos serviços de não auditoria pode estar vinculado ao desempenho favorável da firma, o que gera incentivos para comportamento oportunístico.

Assim, diversas pesquisas no contexto norte-americano (CHUNG; KALLAPUR, 2003; FRANCIS; KEN, 2006) foram realizadas para avaliar se a qualidade da auditoria é afetada pela remuneração de outros serviços de não auditoria (NAS), aqui genericamente chamada de serviços de consultoria. Frankel, Johnson e Nelson (2002) apresentam evidências de que o montante dos *accruals* discricionários é positivamente relacionado ao montante das receitas de serviços de consultoria. Francis e Ken (2006) observaram que as companhias abertas norte-americanas com maior pagamento de serviços de consultoria para a firma de auditoria apresentam baixo nível de resposta dos lucros pelo mercado acionário.

Sob outra ótica, Lee, Li e Sami (2012) examinam se o conservadorismo contábil afeta a remuneração dos serviços de auditoria e serviços de não auditoria, respaldados na fundamentação de que um maior nível de conservadorismo contribui para a redução dos custos de litígios, beneficiando a auditoria e o cliente. A pesquisa realizada com uma amostra composta por companhias abertas norte-americanas, no período de 2000 a 2009, aponta que o conservadorismo condicional reduz a remuneração de ambos os serviços, sugerindo que as firmas de auditoria cobram um prêmio de seus clientes pela adoção de práticas contábeis mais agressivas.

Já Ruddock, Taylor e Taylor (2006) examinaram se existe alguma relação entre conservadorismo e serviço de não auditoria. Os autores não encontraram evidências que comprove a associação positiva ou negativa entre a prática conservadora e a remuneração pelos serviços de consultoria, independente do porte do cliente.

2.4.6 Importância do cliente

DeAngelo (1982) argumenta que as empresas de auditoria com grande dependência econômica pelo cliente possuem incentivos para comportamento oportunístico, desempenhando assim serviços de menor qualidade. Desse modo, empresas de auditoria com maior número de clientes apresentam menores incentivos para se comportarem oportunisticamente, o que gera uma percepção de maior qualidade de auditoria.

Outro ponto interessante é que a retenção de um cliente importante pode fornecer benefícios particulares para um auditor, como garantia de emprego, promoção e maior poder

dentro da firma (CHI; DOUTHETT JR.; LISIC, 2012). Caso esse fato ocorra, a independência da auditoria fica comprometida, o que pode conduzir à perda da qualidade dos serviços prestados.

Algumas pesquisas (NELSON, 2002; CHUNG; KALLPUR, 2003) evidenciam que a importância do cliente afeta a qualidade da auditoria. A fundamentação subjacente é de que os auditores prestam mais atenção nos clientes de maior importância econômica, o que conduz essas firmas a reportarem informações contábeis mais conservadoras do que as de menor relevância.

Similarmente, Ferguson, Seow e Young (2004) constataram que o nível de gerenciamento de resultados contábeis e republicação das demonstrações contábeis no Reino Unido estão associados positivamente à importância do cliente para a firma de auditoria. Outros trabalhos, porém, como os de Reynolds e Francis (2000) e Gaver e Paterson (2007) apresentam relação negativa entre a importância do cliente e a qualidade das informações. Chi, Douthett Jr. e Lisic (2012) não encontraram resultados significativos para afirmar que a importância do cliente afeta a qualidade da auditoria no mercado tailandês.

Li (2010) apresenta evidências de que o conservadorismo contábil aumenta de acordo com o período de relacionamento entre cliente-auditor, mas somente para os clientes com maior importância econômica. Essa relação é inversa para empresa de menor expressão econômica.

2.4.7 Especialização da auditoria

Sun e Liu (2011, p. 368) definem auditores especializados na indústria como aqueles que “têm adquirido amplo treinamento e experiência concentrados em um setor específico”⁷. Com maior conhecimento, acredita-se que o auditor especializado tenha maior probabilidade de identificar alguma falha/erro material nas demonstrações contábeis. Assim, a qualidade da auditoria é também influenciada pela especialização da auditoria.

Devido ao maior nível de conhecimento sobre um determinado setor econômico, pode-se observar no mercado a oferta de serviços de auditoria especializados em alguns ramos de negócios. Assim, como em outras profissões, os auditores podem buscar se especializar em determinados setores da economia a fim de os seus serviços se diferenciarem dos demais, melhorando sua competitividade no mercado.

⁷ Tradução livre de: “...have gained great training and experience concentrated in a specific industry”.

A escolha por uma auditoria especializada deve-se ao fato de que os administradores demandam profissionais que efetivamente monitorem o processo de reporte das informações contábeis pelas firmas, reduzindo assim a probabilidade de perda de reputação e/ou gastos com litígio (SUM; LIU, 2011).

O'Keefe, King e Gaver (1994, p. 45) relatam que diversos trabalhos utilizam a especialização no setor como *proxy* para conhecimento específico do setor. Espera-se que um auditor com maior conhecimento das atividades realizadas pela empresa auditada desempenhe seus serviços com uma qualidade superior à daqueles que não detenham um bom conhecimento sobre o ramo de negócio do cliente. Deis e Giroux (1992) evidenciam que a conformidade dos relatórios contábeis nas empresas norte-americanas aumentou com a especialização no setor econômico.

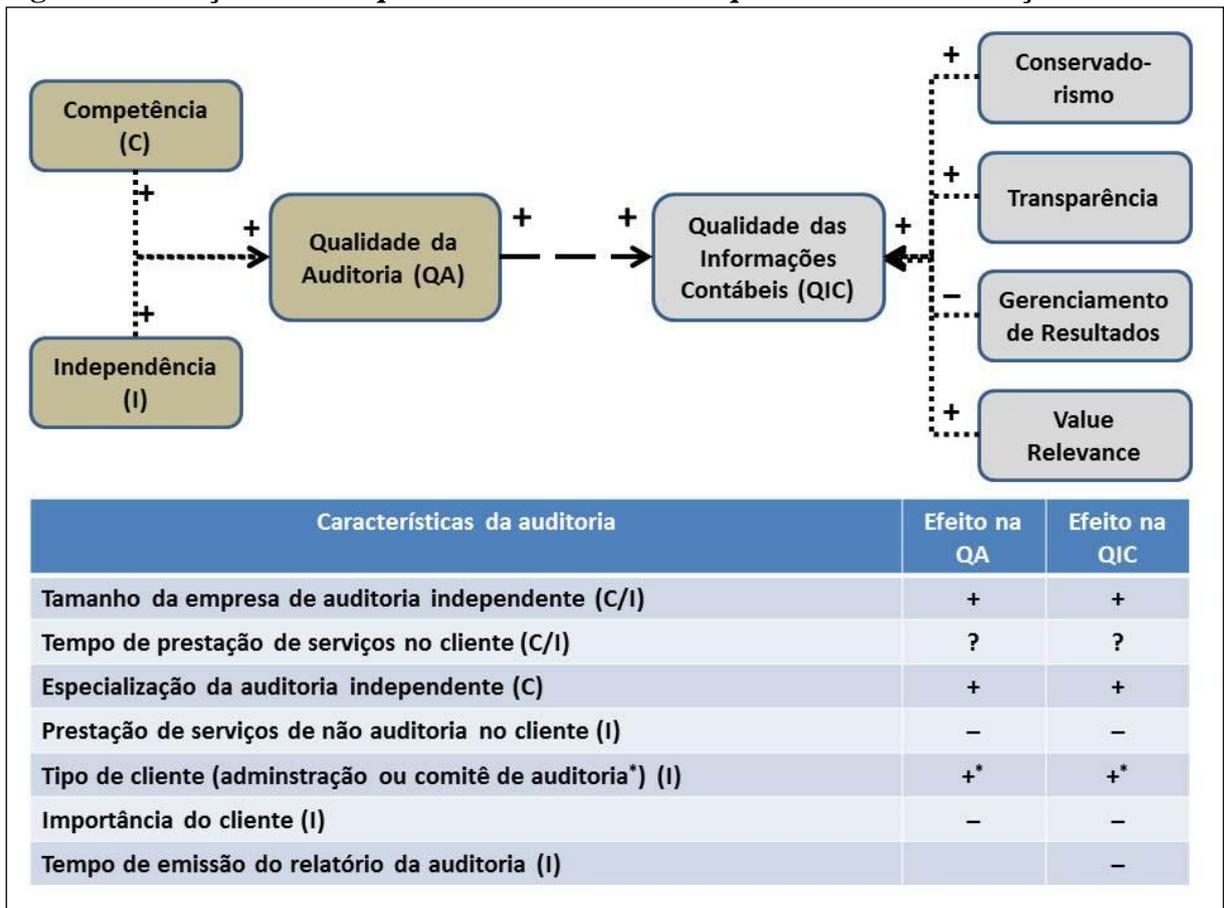
Balsam, Krishnan e Yang (2003) analisaram se a especialização da empresa de auditoria influencia o comportamento oportunístico. Com base nos *accruals* discricionários e coeficiente de resposta dos lucros, encontraram evidências de que os clientes das empresas de auditoria especializada têm maior qualidade das informações contábeis do que aquelas que são auditadas por firmas não especializadas.

Numan e Willekens (2012) encontraram evidências de que o preço da auditoria é fortemente afetado pela especialização da firma de auditoria no setor, e afirmam que, apesar de os auditores competirem entre si, os clientes pagam um prêmio pela maior especialização dos serviços prestados, pois acreditam que o maior conhecimento gere uma auditoria de melhor qualidade, e que o mercado demonstre maior confiança pelas informações reportadas.

2.4.8 Características da qualidade da auditoria e a qualidade das informações contábeis

Para facilitar a compreensão das características da auditoria e a qualidade das informações contábeis, foi elaborada a Figura 1 a seguir:

Figura 1 – Relações entre a qualidade da auditoria e a qualidade das informações contábeis



Fonte: Própria

Conforme descrito anteriormente, a qualidade da auditoria está relacionada, basicamente, a dois atributos: a competência e a independência dos profissionais da auditoria (DeANGELO, 1981). A literatura descreve que a qualidade dos serviços de auditoria é positivamente relacionada a esses dois atributos, ou seja, quanto maior a competência/independência, maior a qualidade da auditoria. Essa relação pode ser visualizada na parte superior da Figura 1.

Da mesma forma, Dechow, Ge e Schrand (2010) relatam que os diversos estudos evidenciam alguns atributos (constructos) para mensurar a qualidade das informações contábeis, mesmo com certo grau de dificuldade. Dentre os vários constructos da qualidade das informações contábeis, destacam-se conservadorismo, transparência, gerenciamento de resultados contábeis, *value relevance* (relevância da informação contábil na precificação de ativos). A maioria desses atributos tem uma relação direta com a qualidade das informações contábeis, como conservadorismo e transparência; para outras, porém, a relação é inversa, como o gerenciamento de resultados.

Por exemplo, considera-se que números contábeis mais conservadores possuem maior qualidade do que os menos conservadores, ou seja, relação positiva. Já no caso de gerenciamento de resultados, pela perspectiva oportunística, quanto menor a discricionariedade, maior a qualidade da informação contábil.

Por fim, considera-se que uma melhor qualidade dos serviços de auditoria afeta positivamente a qualidade das informações contábeis. Conseqüentemente, a competência e a independência da auditoria afetam a qualidade dos números reportados pela contabilidade.

Como visto nas seções anteriores, a qualidade da auditoria pode ser, indiretamente, verificada através de algumas características da auditoria, que ora são analisadas nesta pesquisa:

a. Tamanho da empresa de auditoria independente:

Competência: considera-se que as maiores firmas de auditoria têm maior volume de recursos (financeiros e operacionais) e por isso podem prestar melhores serviços. Assim, quanto maior a empresa de auditoria, maior a qualidade da auditoria; logo, maior qualidade da informação contábil reportada por seu cliente.

Independência: considera-se que as maiores firmas de auditoria têm maior independência financeira, com menor probabilidade, então, de aceitar práticas contábeis discricionárias ou agressivas. Assim, quanto maior a empresa de auditoria, maior a qualidade da auditoria; logo, maior qualidade da informação contábil reportada por seu cliente.

b. Tempo de prestação de serviços de auditoria no cliente:

Competência: considera-se que um maior tempo de relacionamento entre uma firma de auditoria e seu cliente faz com que o auditor obtenha maior conhecimento sobre as atividades do seu cliente, conduzindo para uma melhor prestação de serviços (efeito aprendizagem). Assim, quanto mais tempo de relacionamento, maior a qualidade dos serviços de auditoria e maior qualidade da informação contábil reportada pelo cliente.

Independência: por outro lado, muitos autores consideram que um maior tempo de relacionamento faz com que o auditor tenha uma maior proximidade do seu cliente, o que afeta negativamente a qualidade dos serviços prestados. Assim, quanto mais tempo de relacionamento, menor a qualidade dos serviços de auditoria e menor qualidade da informação contábil reportada pelo cliente.

c. Especialização da firma de auditoria:

Competência: quanto mais especializada (maior conhecimento) for uma firma de auditoria em um determinado setor econômico, maior conhecimento sobre as atividades do seu cliente o auditor possuirá, logo prestará melhores serviços. Assim, quanto mais especializada em um ramo econômico, maior a qualidade dos serviços de auditoria e maior a qualidade da informação contábil reportada por seu cliente.

d. Prestação de serviços de não auditoria na firma auditada:

Independência: considera-se que a prestação de outros serviços de não auditoria faz com que o auditor se torne mais dependente do seu cliente, o que afeta negativamente a qualidade dos serviços prestados. Assim, quando se prestam serviços de não auditoria para a firma auditada, menor a qualidade dos serviços de auditoria e menor qualidade da informação contábil reportada pelo cliente.

e. Tipo de Cliente da auditoria (administração ou comitê de auditoria):

Independência: a literatura considera que a empresa de auditoria pode ser contratada pela própria administração ou pelo comitê de auditoria. Observa-se que a independência do auditor é maior quando ele é contratado pelo comitê de auditoria, aumentando a qualidade dos serviços prestados. Assim, quando o auditor é contratado pelo referido comitê, maior a qualidade dos serviços de auditoria e maior a qualidade da informação contábil reportada pelo cliente.

f. Importância do cliente:

Independência: considera-se que alguns clientes são importantes para a firma de auditoria (consultoria), de tal forma que o auditor pode estar mais propenso a aceitar certas discricionariedades desses clientes, afetando negativamente a qualidade da auditoria. Assim, quanto mais importante for o cliente, menor a qualidade dos serviços de auditoria e da informação contábil reportada por seu cliente.

g. Tempo de emissão do relatório de auditoria:

Algumas pesquisas apontam evidências de que o atraso na emissão do relatório de auditoria é um sinal de que existem problemas na contabilidade do cliente. Logo, sugere-se que, nesse caso, a empresa auditada possui menor qualidade de informação contábil. Essa característica não pode ser facilmente atribuída à competência e/ou à independência do auditor, pois, por exemplo, a demora na emissão do parecer pode ser relacionada ou não à capacidade de se detectar falhas na contabilidade do cliente.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo utiliza a tipologia descrita por Beuren (2006), que classifica a pesquisa quanto: aos objetivos, aos procedimentos e à abordagem do problema. O presente trabalho pode ser classificado como uma pesquisa descritiva, quanto aos seus objetivos, pois, segundo Cervo e Bervian (2002), “[...] procura observar, registrar, analisar e correlacionar fatos e fenômenos sem manipulá-los”.

Quanto aos procedimentos, este trabalho pode ser classificado como uma pesquisa bibliográfica, pois, segundo Gil (1999 apud BEUREN, 2006), esse tipo de pesquisa é desenvolvido mediante material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos. No caso do presente estudo, é considerada bibliográfica pelo fato de procurar explicações sobre as características dos serviços de auditoria independente e o comportamento conservador dos relatórios contábeis a partir de referenciais teóricos extraídos das produções científicas publicadas em teses, dissertações ou artigos que auxiliam o desenvolvimento das hipóteses de pesquisa.

Como as informações necessárias à pesquisa foram obtidas nos bancos de dados da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), da Reuters e das demonstrações contábeis publicadas pelas companhias abertas, a pesquisa também pode ser classificada como documental. Isso se justifica com a citação de Silva e Grigolo (2002), segundo a qual a pesquisa documental se vale de materiais que ainda não receberam análise aprofundada. Segundo Beuren (2006), esse tipo de pesquisa visa, assim, selecionar, tratar e interpretar a informação bruta, buscando extrair dela algum sentido e lhe introduzir algum valor, podendo, desse modo, contribuir com a comunidade científica a fim de que outros possam voltar a desempenhar futuramente o mesmo papel.

Por fim, é considerada uma pesquisa qualitativa e quantitativa quanto à abordagem do problema. Uma pesquisa qualitativa, pois este trabalho analisa, especificamente, a relação entre a qualidade da auditoria e o nível de conservadorismo contábil. Richardson (1999, p. 80 apud BEUREN, 2006) expõe que “os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”.

E é uma abordagem quantitativa, pois se utiliza de métodos estatísticos para o tratamento dos dados. Richardson (1999, p. 70 apud BEUREN, 2006) afirma que esse tipo de abordagem “caracteriza-se pelo emprego de quantificação tanto nas modalidades de coleta de

informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples, como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão etc.”.

3.2 HIPÓTESES DO TRABALHO

Uma hipótese de pesquisa deve contribuir para o desenvolvimento do trabalho, identificando fatos relevantes ou não relevantes para que se possam atingir os propósitos da pesquisa. Pode-se considerar que elas são tentativas de antecipar as respostas do problema de pesquisa. Portanto, para se alcançar os objetivos deste trabalho, foram levantadas algumas hipóteses de pesquisa.

A literatura contempla que o conservadorismo é afetado pelo porte (tamanho) da empresa de auditoria independente, sugerindo que firmas maiores de auditoria têm maior qualidade da auditoria, o que afeta positivamente a qualidade da informação contábil reportada por seu cliente. Assim, tem-se a primeira hipótese de pesquisa:

- **Hipótese 1:** O nível de conservadorismo contido nas demonstrações contábeis é maior nas empresas auditadas pelas maiores firmas de auditoria independente do que pelas menores.

Diante da grande preocupação com a independência da auditoria, algumas firmas atribuem a contratação desses serviços ao comitê de auditoria. Assim, levanta-se a segunda hipótese desta pesquisa:

- **Hipótese 2:** A existência de um comitê de auditoria responsável pela contratação dos auditores independentes afeta positivamente o nível de conservadorismo em suas demonstrações contábeis.

Em outro aspecto, depreende-se o fato de que um maior tempo de relacionamento, entre o auditor e seu cliente, pode afetar negativamente a qualidade da auditoria⁸. Então, tem-se a terceira hipótese de pesquisa:

⁸ Cabe ressaltar que a literatura também contempla que a maior relação entre o auditor e o cliente auditado pode ser benéfica pelo fato de que esse profissional adquire, ao longo do tempo, maiores conhecimentos sobre o cliente e o seu ramo de atividade. Portanto, essa relação é inversa da descrita na Hipótese 3 deste trabalho.

- **Hipótese 3:** O maior tempo de relacionamento entre o auditor e a firma auditada afeta negativamente o conservadorismo dos números contábeis.

As evidências apresentadas em alguns estudos demonstram o atraso na emissão do relatório de auditoria como um sinal de que existem problemas na contabilidade do cliente. Portanto, levanta-se a quarta hipótese deste trabalho:

- **Hipótese 4:** O maior período entre a data das demonstrações contábeis e a data de emissão do relatório de auditoria independente é inversamente relacionado ao nível de conservadorismo encontrado nas demonstrações contábeis.

Como visto anteriormente, outros trabalhos sugerem que a prestação de outros serviços de não auditoria para a firma auditada prejudica a independência do auditor; logo, pode-se descrever a quinta hipótese de pesquisa:

- **Hipótese 5:** A prestação de serviço de não auditoria afeta negativamente o conservadorismo dos números contábeis da empresa auditada.

Outro fator relevante no ambiente das firmas de auditoria é a importância dos grandes clientes para seus negócios. Assim, considera-se que alguns clientes são muito importantes estrategicamente para os negócios da firma de auditoria, o que aumenta a probabilidade de maior discricionariedade desse cliente. Logo, a sexta hipótese é descrita como:

- **Hipótese 6:** A importância do cliente para a firma de auditoria afeta negativamente o nível de conservadorismo nas demonstrações contábeis.

Por fim, uma maior especialização da firma de auditoria proporciona maiores conhecimentos sobre as atividades do seu cliente, afetando positivamente a qualidade dos serviços de auditoria e da informação contábil reportada pelo cliente. Logo, tem-se a sétima e última hipótese:

- **Hipótese 7:** A maior especialização do auditor em um ramo de atividade econômica afeta positivamente o conservadorismo dos números contábeis reportados pela firma auditada.

Cabe ressaltar que cada uma das hipóteses acima busca responder aos objetivos específicos descritos na seção 1.3.2 (objetivos específicos).

3.3 PLANO AMOSTRAL E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A população, neste estudo, é formada pelo conjunto de companhias abertas brasileiras. As informações necessárias à pesquisa foram obtidas nos bancos de dados da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), da Reuters e das demonstrações contábeis publicadas pelas companhias abertas, compreendendo o período de 2000 a 2011.

A fim de se evitar viés na amostra e problemas de especificação na estimação dos modelos, foram excluídas deste trabalho:

- a. as companhias com dados ausentes necessários a este estudo; e
- b. as companhias que atuam na atividade financeira, tais como: bancos, seguradoras, previdência privada ou particular, administração de empresas e empreendimentos ou que tenham receitas operacionais exclusivamente oriundas de participações societárias, pois os procedimentos de mensuração contábil se diferenciam substancialmente das demais companhias e, provavelmente, não são capturados adequadamente pelos modelos analisados.

Como este trabalho busca maiores evidências sobre as características da qualidade dos serviços de auditoria, optou-se por se seguir a orientação exposta por Hair Jr. et al. (2005, p. 73), a qual sugere que as variáveis atípicas (*outliers*) devem ser mantidas até que se encontrem provas consistentes de que a presença delas afeta significativamente os resultados.

3.4 DEFINIÇÃO DO MODELO EMPREGADO E VARIÁVEIS OPERACIONAIS

3.4.1 Modelo de mensuração do nível de conservadorismo contábil

Para se atender aos objetivos deste trabalho, foi empregado o modelo desenvolvido por Ball e Shivakumar (2005) a fim de se capturar o nível de conservadorismo contábil, que é descrito da seguinte forma:

$$\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 D\Delta NI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * D\Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it} \quad (2)$$

Em que:

ΔNI_{it} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano $t-1$ para o ano t ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t ;

ΔNI_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano $t-2$ para o ano $t-1$ ponderada pelo valor do ativo total no início do ano $t-1$;

$D\Delta NI_{it-1}$ = contábil da empresa i do ano $t-1$ para o ano t , assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

ε_{it} = erro da regressão.

Esse modelo emprega como variável independente a ‘variação no lucro líquido contábil’ (ΔNI_{it}), sendo justificada pela vantagem de se capturar os componentes transitórios dos resultados (BALL; SHIVAKUMAR, 2005). Segundo Ball e Shivakumar (2005), para que os resultados positivos se tornem um componente persistente do lucro contábil, o coeficiente α_2 deve ser igual a zero ($\alpha_2 = 0$), pois o reconhecimento dos ganhos é diferido até o momento em que os seus fluxos de caixa são realizados. O coeficiente α_2 , caso seja menor que zero ($\alpha_2 < 0$), implica um reconhecimento oportuno, evidenciando que os ganhos são componentes transitórios nos resultados no período corrente e tendem a ser revertidos nos períodos subsequentes.

Segundo Paulo, Antunes e Formigoni (2008, p. 52):

O reconhecimento oportuno das perdas resulta em decréscimos transitórios do resultado e, conseqüentemente, devem ser revertidas nos períodos seguintes, implicando, *a priori*, que o somatório dos coeficientes α_2 e α_3 seja menor que zero. Assim, o reconhecimento mais oportuno das perdas do que dos ganhos faz com que o coeficiente α_3 seja menor que zero. Ressalta-se que não existe uma predição para os coeficientes lineares (interceptores) α_0 e α_1 nesse modelo.

Podem-se, portanto, identificar as seguintes evidências por meio do modelo de Ball e Shivakumar (2005):

- a. reconhecimento não oportuno dos ganhos: quando o coeficiente α_2 igual a zero ($\alpha_2 = 0$);
- b. reconhecimento oportuno das perdas: quando o coeficiente α_3 é significativamente menor que zero ($\alpha_3 < 0$); e
- c. presença de comportamento conservador nos resultados: quando o somatório dos coeficientes α_2 e α_3 é significativamente menor que zero ($\alpha_2 + \alpha_3 < 0$).

3.4.2 Análise da relação entre as características de qualidade da auditoria e o nível de conservadorismo contábil

A fim de se verificar a relação de cada característica dos serviços de auditoria com o conservadorismo contábil, foi incluída uma variável que representasse essa condição no modelo descrito na Equação 2. Assim, o modelo empregado para se testar as hipóteses deste trabalho é descrito da seguinte forma:

$$\begin{aligned} \Delta NI_{it} = & \alpha_0 + \alpha_1 D\Delta NI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * D\Delta NI_{it-1} + \alpha_4 C_{it} + \\ & \alpha_5 C_{it} * D\Delta NI_{it-1} + \alpha_6 C_{it} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_7 C_{it} * \Delta NI_{it-1} * D\Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it} \end{aligned} \quad (3)$$

Em que:

ΔNI_{it} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano $t-1$ para o ano t ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t ;

ΔNI_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano $t-2$ para o ano $t-1$ ponderada pelo valor do ativo total no início do ano $t-1$;

$D\Delta NI_{it-1}$ = variável *dummy* para indicar se existe variação negativa no lucro líquido contábil da empresa i do ano $t-1$ para o ano t , assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

C_{it} = característica da qualidade de auditoria na empresa i no ano t .

ε_{it} = erro da regressão.

Para o modelo descrito na Equação 3, espera-se o mesmo comportamento para os coeficientes α_2 e α_3 , inclusive para o somatório dessas variáveis. Mas, para se avaliar a característica analisada da auditoria, tem-se a hipótese de que ela apresenta maior reconhecimento oportuno das perdas quando o coeficiente α_7 é significativamente menor que 0 ($\alpha_7 < 0$).

Adicionalmente, para se obter maior robustez na análise empírica dos dados na análise de cada característica, quando possível, são estimados os coeficientes da Equação 2 separados para cada grupo. Por exemplo, para analisar se as empresas auditadas por uma grande firma de auditoria tem menor nível de conservadorismo, foram estimados separadamente os coeficientes do modelo especificado para o grupo de empresas auditadas por uma grande firma de auditoria e para aquelas que foram auditadas pelas demais firmas de auditoria.

Para verificar se a característica analisada afeta o comportamento conservador, realizaram-se os testes de hipóteses para diferenças entre médias F ANOVA (paramétrico) e Kruskal-Wallis (não paramétrico), bem como os testes *post hoc* (Tukey, Scheffé e Bonferroni), caso seja necessário. Todas as análises estatísticas foram realizadas considerando-se um nível de significância de 5% (bicaudal).

Todas as regressões serão estimadas através da abordagem *pooling of independent cross sections*.

É importante não confundir *um pooling of independent cross sections* com uma estrutura diferente de dados, dados em painel [...]. Resumidamente, em um conjunto de dados em painel, nós acompanhamos o mesmo grupo de indivíduos, firmas, cidades etc. ao longo do tempo. Em um *pooling of independent cross sections* ao longo do tempo, não existe replicação de tempo. (Ou, se unidades aparecem em mais de um período de tempo, sua repetição é tratada como coincidente e ignorada)⁹. (WOOLDRIDGE, 2001, p. 129).

Foram criadas variáveis *dummies*¹⁰ para cada ano da amostra, exceto para os dados referentes ao ano de 2000, bem como para cada setor da atividade econômica da empresa, exceto para a categoria ‘Outros’, segundo classificação estabelecida pelo banco de dados Econômica. O objetivo desse procedimento é minimizar os problemas de heteroscedasticidade.

3.4.3 Definição das variáveis para as características da qualidade da auditoria

A literatura corrente não fornece fundamentações teóricas claras e consistentes que permitam identificar adequadamente os fatores endógenos e exógenos nas pesquisas sobre auditoria, inclusive no que se refere à simultaneidade das variáveis empregadas (FAGHER; TAYLOR; SIMON, 2001, p. 409).

Para cada uma das características da qualidade da auditoria, foram estabelecidas *proxies* conforme a literatura corrente sobre o tema, apesar da complexidade em serem mensuradas. Essas *proxies* representam a variável ‘característica da qualidade de auditoria’ (C_{it}) na Equação 3 descrita anteriormente.

⁹ Tradução livre de: “It is important not to confuse a pooling of independent cross sections with a different data structure, panel data, which we treat starting in Chapter 7. Briefly, in a panel data set we follow the same group of individuals, firms, cities, and so on over time. In a pooling of cross sections over time, there is no replicability over time. (Or, if units appear in more than one time period, their recurrence is treated as coincidental and ignored.)”

¹⁰ Conforme Greene (2003, p. 116), a variável *dummy* é usualmente empregada com o objetivo de capturar algum efeito da característica qualitativa na regressão que também possua outras variáveis quantitativas.

A. Tamanho da firma de auditoria independente ($AUDTAM_{it}$)

As pesquisas sobre auditoria (DeFOND; SUBRAMANYAM, 1998; FARGHER; TAYLOR; SIMON, 2001; CUPERTINO; MARTINEZ, 2008; PAULO; ANTUNES; FORMIGONI, 2008; GUL, FUNG, JAGGI, 2009; LENNOX; FRANCIS; WANG, 2012) consideram como *proxy* o tamanho da firma de auditoria independente ($AUDTAM_{it}$), normalmente relacionada à reputação, se ela é, ou não, uma das denominadas *Big Four* (ou *Big Five*).

Nesse caso, se a empresa de auditoria foi realizada por uma das firmas *Big Four* (ou *Big Five*), a variável TAM_{it} assume valor 1, caso contrário 0. Este trabalho considerou, como firmas de auditoria pertencentes ao grupo das *Big Four*, as empresas PricewaterhouseCoopers, Deloitte Touche Tohmatsu, KPMG e Ernst & Young; e inclui a Arthur Andersen, formando as *Big Five*.

Adicionalmente, devido a algumas movimentações de participação no mercado de auditoria no Brasil, optou-se em se avaliar as firmas de auditoria BDO Trevisan Auditores Independentes e Terco Grant Thornton.

B. Tipo de cliente ($AUDCONS_{it}$)

As pesquisas sobre auditoria, como Koch, Weber e Wüstemann (2011), consideram que a decisão das relações contratuais da auditoria independente com o comitê de auditoria pode contribuir para a independência da auditoria. Assim, caso a empresa auditada possua comitê de auditoria dentro da sua estrutura de governança, a variável $AUDCONS_{it}$ assume valor 1; em caso contrário, 0.

C. Tempo de prestação de serviços de auditoria ao cliente ($TENURE_{it}$)

Consistentes com os trabalhos de Jenkins e Velury (2008), Li (2010) e Chi, Douthett Jr. e Lisic (2012), utilizou-se como *proxy*, para o tempo de prestação de serviços ao cliente ($TENURE_{it}$), a quantidade de anos consecutivos em que a auditoria é realizada pela mesma empresa.

D. Tempo de emissão do relatório de auditoria ($DELAY_{it}$)

A variável $DELAY_{it}$ representa o tempo de emissão do relatório de auditoria, sendo mensurada, conforme Ng e Tai (1994), através do número de dias entre o final do ano-competência e a data do parecer do auditor.

E. Prestação de serviços de não auditoria ao cliente (NAS_{it})

Para indicar se a empresa de auditoria prestou outros serviços ao cliente, além da auditoria, criou-se a variável NAS_{it} , que assume valor 1 quando, naquele ano, ocorreram tais serviços; e valor 0, em caso contrário (CHUNG; KALLAPUR, 2003; FRANCIS; KEN, 2006). A informação sobre a prestação ou não de outros serviços de não auditoria ao cliente foi obtida através das Notas Explicativas e Relatório de Administração.

F. Importância do cliente ($IMPCLI_{it}$)

A indicação da importância de um determinado cliente foi realizada da mesma forma que para a especialidade da empresa de auditoria. Para indicar se um determinado cliente é importante na carteira de clientes da firma da auditoria independente, foi criada uma *proxy* ($IMPCLI_{it}$) que assume valor 1 se o logaritmo natural das receitas líquidas da empresa auditada representa mais de 15% do somatório do logaritmo natural das receitas líquidas de todos os clientes da empresa de auditoria; caso contrário, ela assume valor 0 (LI, 2010; SUM: LIU, 2011).

G. Especialização da empresa de auditoria ($AUDEXP_{it}$)

Para indicar a expertise da auditoria independente, foi criada uma *proxy* ($AUDEXP_{it}$) que assume valor 1 se a auditoria da empresa auditada tiver um portfólio de clientes do mesmo ramo econômico que representem mais de 15% da receita líquida das firmas da mesma atividade econômica; em caso contrário, 0. Essa métrica é consistente com as utilizadas nos trabalhos de O'Keefe, King e Gaver (1994), Dunn e Mayhew (2004), Tong (2008) e Sun e Liu (2011).

H. Variáveis de controle

Os estudos sobre auditoria frequentemente utilizam diversas variáveis para minimizar os efeitos da endogeneidade sobre os resultados de suas pesquisas (LENNOX; FRANCIS; WANG, 2012). Nesta pesquisa utilizaram-se as seguintes variáveis:

- a. Logaritmo do ativo total da firma auditada ($LnAT_{it}$): Weber e Willenborg (2003), Chaney et al. (2004), Mansi et al. (2004), Louis (2005), Fortin e Pittman (2007), Choi et al. (2008);
- b. Variável *dummy* para perdas contábeis da firma auditada ($DLoss_{it}$): Khurana e Raman (2004), Chaney et al. (2004), Choi et al. (2008), Fortin e Pittman (2007), Behn et al. (2008), Li et al. (2009);
- c. Retorno sobre ativos da firma auditada (ROA_{it}): Lennox, Francis e Wang (2012);
- d. Alavancagem da firma auditada ($Alav_{it}$): Lennox, Francis e Wang (2012);
- e. Fluxo de caixa operacional (FCO_{it}): Lennox, Francis e Wang (2012).

A variável ‘logaritmo do ativo total’ tem como objetivo controlar o tamanho da empresa auditada, enquanto que as demais buscam controlar os efeitos da lucratividade, do endividamento e do fluxo de caixa gerado sobre a qualidade da auditoria.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 ANÁLISE DESCRITIVA DAS VARIÁVEIS

Este trabalho apresenta, inicialmente, uma análise descritiva das variáveis utilizadas. Como descrito no Capítulo 3, a população desta pesquisa foram as companhias abertas brasileiras, sendo que as informações necessárias para a pesquisa foram coletadas nos bancos de dados da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e da Reuters e nas demonstrações contábeis publicadas pelas companhias abertas, compreendendo o período de 2000 a 2011.

Conforme apresentado na Tabela 1, no período de 2000 a 2011 foram avaliadas informações de 2.805 demonstrações contábeis, observando-se nesse período, um crescimento no número de relatórios, de 177 para 280.

Tabela 1 – Quantidade de demonstrações contábeis auditadas – firma de auditoria x ano

ANO	DL	PWC	EY	KPMG	AA	BDO	TGT	OUT ¹¹	TOTAL
2000	17	29	20	9	43	14		45	177
2001	19	33	21	8	40	16		45	182
2002	46	47	19	10		14		52	188
2003	48	37	23	11		12	1	60	192
2004	55	29	20	16		14	1	64	199
2005	64	28	22	19		15	1	70	219
2006	79	26	27	29		17	8	69	255
2007	56	35	33	44		21	15	68	272
2008	53	36	35	45		27	18	60	274
2009	51	36	45	46		27	19	57	281
2010	53	45	66	45		28	1	48	286
2011	52	47	70	59		3	2	47	280
Total Geral	593	428	401	341	83	208	66	685	2805

Legenda: DL = Deloitte; PWC = PWC; EY = Ernst & Young; KPMG = KPMG; AA = Arthur Andersen; DBO = DBO Trevisan; TGT = Terco Grant Thornton; OUT = Outras Firmas.

Fonte: Própria

Nas Tabelas 1 e 2, observa-se a forte concentração de demonstrações contábeis das companhias abertas brasileiras auditadas pelo grupo das grandes firmas internacionais de auditoria, chamado de *Big Four* (ou *Big Five*, quando se inclui a Artur Andersen), na qual detiveram 65,8% dos relatórios analisados. Caso se considere as firmas DBO Trevisan e Terco Grant Thornton, essa participação passa, aproximadamente, para 75% dos relatórios auditados no período.

¹¹ A relação de todas as firmas de auditoria para cada ano analisado nesta pesquisa está apresentada no Apêndice A.

Adicionalmente, também se observa que essa forte concentração de empresas auditadas pelas *Big Four* tem crescido ao longo do tempo, sendo que, em 2000, elas tinham 66,7% do mercado, chegando, em 2011, a um percentual de participação em torno de 81,4% (Gráfico 1).

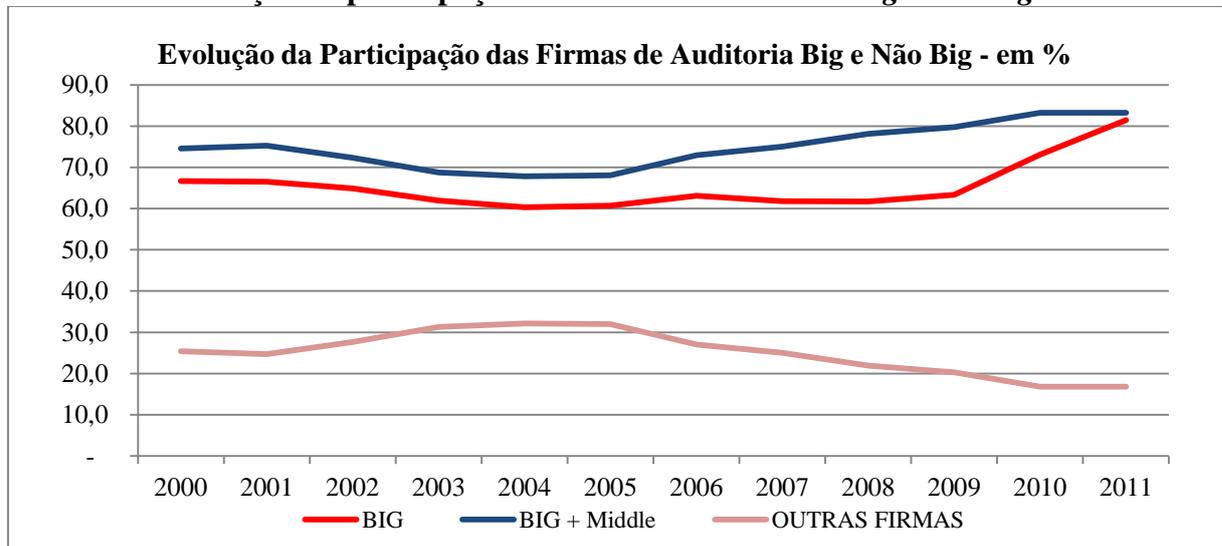
Tabela 2 – Percentual de demonstrações contábeis auditadas – firma de auditoria x ano

ANO	DL	PWC	EY	KPMG	AA	BDO	TGT	OUT	TOTAL
2000	9,6%	16,4%	11,3%	5,1%	24,3%	7,9%	0,0%	25,4%	100,0%
2001	10,4%	18,1%	11,5%	4,4%	22,0%	8,8%	0,0%	24,7%	100,0%
2002	24,5%	25,0%	10,1%	5,3%	0,0%	7,4%	0,0%	27,7%	100,0%
2003	25,0%	19,3%	12,0%	5,7%	0,0%	6,3%	0,5%	31,3%	100,0%
2004	27,6%	14,6%	10,1%	8,0%	0,0%	7,0%	0,5%	32,2%	100,0%
2005	29,2%	12,8%	10,0%	8,7%	0,0%	6,8%	0,5%	32,0%	100,0%
2006	31,0%	10,2%	10,6%	11,4%	0,0%	6,7%	3,1%	27,1%	100,0%
2007	20,6%	12,9%	12,1%	16,2%	0,0%	7,7%	5,5%	25,0%	100,0%
2008	19,3%	13,1%	12,8%	16,4%	0,0%	9,9%	6,6%	21,9%	100,0%
2009	18,1%	12,8%	16,0%	16,4%	0,0%	9,6%	6,8%	20,3%	100,0%
2010	18,5%	15,7%	23,1%	15,7%	0,0%	9,8%	0,3%	16,8%	100,0%
2011	18,6%	16,8%	25,0%	21,1%	0,0%	1,1%	0,7%	16,8%	100,0%
Total Geral	21,1%	15,3%	14,3%	12,2%	3,0%	7,4%	2,4%	24,4%	100,0%

Legenda: DL = Deloitte; PWC = PWC; EY = Ernst & Young; KPMG = KPMG; AA = Arthur Andersen; DBO = DBO Trevisan; TGT = Terco Grant Thornton; OUT = Outras Firmas.

Fonte: Própria

Gráfico 1 – Evolução da participação das firmas de auditoria *Big* e não *Big* – em %



Fonte: Própria

Na Tabela 3 verifica-se que, durante o período de análise desta pesquisa, em média, 90% dos relatórios do auditor independente sobre as demonstrações contábeis, ou parecer do auditor independente, como era denominado até a revogação da NBC T 11, foi opinião não modificada, anteriormente conhecida como parecer sem ressalva. Observa-se que, ao longo dos anos, o número de opinião não modificada tem crescido em termos percentuais. Esse número pode sugerir que as companhias abertas auditadas, ao longo do tempo, tenham melhorado os

procedimentos de controle interno e de contabilidade, em resposta a diversos escândalos financeiros ocorridos nos anos de 2001 e 2002.

Porém, cabe ressaltar que esses dados também podem sugerir uma redução na atenção dada sobre os números das companhias abertas por parte das firmas de auditoria, após uma resposta temporária aos referidos escândalos.

Tabela 3 – Tipo de relatório de auditoria

Ano	TIPO DE RELATÓRIO DE AUDITORIA									
	Opinião não modificada (sem ressalva)		Opinião não modificada						Total	
			Com ressalva		Negativa de opinião		Adversa			
	Qte	%	Qte	%	Qte	%	Qte	%	Qte	%
2000	151	85,3	24	13,6	1	0,6	1	0,6	177	100
2001	153	84,1	27	14,8	1	0,5	1	0,5	182	100
2002	161	85,6	25	13,3	1	0,5	1	0,5	188	100
2003	160	83,3	30	15,6	1	0,5	1	0,5	192	100
2004	167	83,9	31	15,6	1	0,5		0,0	199	100
2005	196	89,5	23	10,5		0,0		0,0	219	100
2006	236	92,5	17	6,7	2	0,8		0,0	255	100
2007	257	94,5	14	5,1	1	0,4		0,0	272	100
2008	252	92,0	20	7,3	2	0,7		0,0	274	100
2009	266	94,7	12	4,3	3	1,1		0,0	281	100
2010	264	92,3	19	6,6	3	1,0		0,0	286	100
2011	261	93,2	16	5,7	3	1,1		0,0	280	100
Total	2524	90,0	258	9,2	19	0,7	4	0,1	2805	100

Fonte: Própria

A Tabela 4 demonstra um crescimento na implantação do comitê de auditoria por parte das empresas listadas na BMFBovespa, sendo que, provavelmente, elas foram motivadas pela busca da melhoria nos seus sistemas de governança corporativa.

Tabela 4 – Evolução da implantação do comitê de auditoria

ANO	COMITÊ DE AUDITORIA					
	NÃO		SIM		TOTAL	
	Qte	%	Qte	%	Qte	%
2000	175	98,9	2	1,1	177	100,0
2001	179	98,4	3	1,6	182	100,0
2002	179	95,2	9	4,8	188	100,0
2003	180	93,8	12	6,3	192	100,0
2004	180	90,5	19	9,5	199	100,0
2005	190	86,8	29	13,2	219	100,0
2006	218	85,5	37	14,5	255	100,0
2007	220	80,9	52	19,1	272	100,0
2008	216	78,8	58	21,2	274	100,0
2009	220	78,3	61	21,7	281	100,0
2010	221	77,3	65	22,7	286	100,0
2011	207	73,9	73	26,1	280	100,0
Total	2385	85,0	420	15,0	2805	100,0

Fonte: Própria

Já na Tabela 5 verifica-se que, gradativamente, houve uma redução na quantidade de prestação de outros serviços por parte das firmas de auditoria aos seus clientes auditados. Esse fato também pode ser explicado pela busca na melhoria dos sistemas de governança corporativa, seja voluntariamente ou de forma coerciva, por meio de regulação de mercado (como, por exemplo, a Lei Sarbanes-Oxley nos Estados Unidos da América). A simples divulgação de que a firma de auditoria obtém outras rendas diferentes dos serviços de auditoria, pode levar o leitor das demonstrações contábeis a considerar que tal relacionamento pode ter prejudicado a qualidade dos serviços de auditoria e, conseqüentemente, a qualidade das informações reportadas pela empresa.

Tabela 5 – Evolução dos serviços de não auditoria

ANO	SERVIÇOS DE NÃO AUDITORIA (NAS)					
	NÃO		SIM		TOTAL	
	Qte	%	Qte	%	Qte	%
2002	160	85,1	28	14,9	188	100,0
2003	169	88,0	23	12,0	192	100,0
2004	183	92,0	16	8,0	199	100,0
2005	200	91,3	19	8,7	219	100,0
2006	235	92,2	20	7,8	255	100,0
2007	251	92,3	21	7,7	272	100,0
2008	248	90,5	26	9,5	274	100,0
2009	253	90,0	28	10,0	281	100,0
2010	245	85,7	41	14,3	286	100,0
2011	234	83,6	46	16,4	280	100,0
Total	2178	89,1	268	10,9	2446	100,0

Fonte: Própria

Por fim, nas Tabelas 6 e 7 são apresentadas as estatísticas descritivas das variáveis contínuas e a correlação entre as variáveis utilizadas neste estudo. Observa-se, na Tabela 6, que nenhuma das variáveis tem distribuição normal, conforme teste de Jarque-Bera.

Na análise de correlação, observa-se uma forte associação entre a variação do lucro líquido corrente e o ROA, que indica se existe variação negativa no lucro líquido contábil do ano anterior.

Tabela 6 – Estatísticas descritivas das variáveis contínuas

	NI_{it}	ΔNI_{it}	$LnAT_{it}$	ROA_{it}	$Alav_{it}$	FCO_{it}
Média	0,0092	-0,4973	14,2929	-0,5315	0,3250	0,0676
Mediana	0,0458	0,0100	14,3528	0,0550	0,2856	0,0815
Desvio-Padrão	0,6339	20,1161	1,9003	21,6813	0,6218	0,1656
Jarque-Bera	74639772 (0,000)	139000000 (0,000)	89 (0,000)	139000000 (0,000)	16011858 (0,000)	67879 (0,000)
Observações	1502	1502	1502	1502	1502	1502

Fonte: Própria

Tabela 7 – Correlações entre as variáveis

	ΔNI_{it}	ΔNI_{it-1}	$D\Delta NI_{it-1}$	$BIG4_{it}$	$BIG5_{it}$	$BIG5_M_{it}$	$AUDCONS_{it}$	$TENURE_{it}$	$DELAY_{it}$	NAS_{it}	$IMPCLI_{it}$	$AUDEXP_{it}$	$LnAT_{it}$	ROA_{it}	$Alav_{it}$	FCO_{it}
ΔNI_{it}	1,0000															
ΔNI_{it-1}	0,0021	1,0000														
$D\Delta NI_{it-1}$	-0,0336	-0,0269	1,0000													
$BIG4_{it}$	-0,0115	0,0096	-0,0431	1,0000												
$BIG5_{it}$	-0,0110	0,0092	-0,0395	0,9522	1,0000											
$BIG5_M_{it}$	-0,0046	0,0035	0,0206	0,3653	0,3836	1,0000										
$AUDCONS_{it}$	0,0141	-0,0120	-0,0222	0,1264	0,1112	-0,0329	1,0000									
$TENURE_{it}$	0,0030	-0,0191	-0,0358	0,1143	0,1081	0,0382	0,0916	1,0000								
$DELAY_{it}$	0,0142	0,0029	0,0212	-0,0840	-0,0863	-0,0546	0,0042	-0,0422	1,0000							
NAS_{it}	0,0105	0,0668	-0,0363	0,1371	0,1273	0,0249	0,2280	0,0535	-0,0541	1,0000						
$IMPCLI_{it}$	0,0076	-0,0063	-0,0441	-0,3082	-0,3291	-0,5423	-0,0073	-0,0572	0,0189	0,0012	1,0000					
$AUDEXP_{it}$	0,0134	-0,0114	-0,0490	0,0983	0,0879	0,0825	-0,0458	-0,0034	-0,0726	0,0156	0,2472	1,0000				
$LnAT_{it}$	0,0537	0,0167	-0,0477	0,2262	0,2167	0,1918	0,2092	0,0725	-0,0662	0,1142	0,1543	0,3564	1,0000			
ROA_{it}	0,9995	0,0022	-0,0351	-0,0105	-0,0100	-0,0035	0,0153	0,0033	0,0119	0,0113	0,0074	0,0147	0,0589	1,0000		
$Alav_{it}$	-0,0483	-0,0083	0,0327	-0,0208	-0,0265	-0,0233	-0,0022	-0,0161	0,0572	-0,0070	0,0306	-0,0195	-0,0708	-0,0535	1,0000	
FCO_{it}	0,1146	-0,0349	-0,0520	0,1768	0,1805	0,0432	0,1180	0,0786	-0,0832	0,0088	0,0066	0,1202	0,2200	0,1202	-0,2753	1,0000

Fonte: Própria

4.2 ANÁLISE DAS HIPÓTESES DE PESQUISA

4.2.1 Tamanho da empresa de auditoria independente (*Big Four*)

A primeira hipótese busca analisar se o nível de conservadorismo nas demonstrações contábeis é afetado pelo tamanho da firma de auditoria. Para análise do efeito do tamanho da firma de auditoria, inicialmente, estimaram-se os parâmetros para o modelo original descrito por Ball e Shivakumar (2005), conforme Equação 2 apresentada na seção 3 deste trabalho (Original). Em seguida, estimaram-se os parâmetros da Equação 3, na qual foi incluída a variável *dummy* para indicar se a empresa-ano analisada foi auditada por uma das firmas de auditoria denominadas *Big Four* e suas respectivas variáveis de interação descrita no modelo adaptado, sendo apresentados na coluna *Big 4*.

Conforme pode ser observado no Apêndice A, além das firmas de auditoria classificadas como *Big Four*, no período analisado verificou-se que várias empresas foram auditadas pela Arthur Andersen. Diante disso, ampliou-se a classificação das grandes firmas de auditoria para *Big Five*, sendo estimado o mesmo modelo para esse ajuste, apresentado na coluna *Big 5*.

Por fim, diante da grande movimentação de clientes entre as firmas denominadas *Big Four* e as empresas DBO Trevisan e Terco Grant Thornton no mercado brasileiro, optou-se por uma nova estimação dos parâmetros do modelo da Equação 3 com a inclusão dessas duas firmas na classificação de *Big*, sendo apresentado na coluna *Big 5 e Middle*.

Inicialmente, com base nos dados apresentados na coluna Original, verifica-se que os resultados apresentados na Tabela 8 permitem indicar que o coeficiente α_2 é, estatisticamente, igual a zero ($p\text{-value} > 0,05$), confirmando a expectativa de que os resultados positivos não são revertidos nos períodos subsequentes, pois tornaram-se componente persistente do resultado contábil.

Diferentemente, para o coeficiente α_3 foi encontrado valor negativo e relevante, indicando que as variações negativas no lucro contábil são mais transitórias, esse fato sugere que as perdas são reconhecidas mais rapidamente do que os ganhos econômicos. Além disso, observa-se que a soma dos coeficientes α_2 e α_3 ($0,5416 - 0,9712 = -0,4296$) é menor que zero ($\alpha_2 + \alpha_3 < 0$), o que corrobora a hipótese de reconhecimento oportuno das perdas. Essas evidências sugerem que as companhias abertas brasileiras apresentam diferenças significativas no reconhecimento oportuno das perdas contábeis, ou seja, elas possuem um comportamento conservador.

Tabela 8 – Estimação do modelo de conservadorismo com o tamanho da firma de auditoria

	Original		BIG 4		BIG 5		BIG 5 e Middle	
	coef.	p-value	coef.	p-value	coef.	p-value	coef.	p-value
<i>Interceptor</i>	-0,0184	0,9283	0,1619	0,3530	0,1504	0,3875	0,1286	0,4618
ΔNI_{it-1}	0,0642	0,0206	0,0367	0,3435	0,0366	0,3501	0,0637	0,1544
ΔNI_{it-1}	0,5416	0,1275	-0,1917	0,0216	-0,1845	0,0274	-0,1270	0,1438
$\Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$	-0,9712	0,0412	-0,1759	0,1787	-0,1884	0,1514	-0,0835	0,5574
$AUDTAM_{it}$			0,0126	0,7172	0,0034	0,9227	0,0099	0,7934
$AUDTAM_{it} * \Delta NI_{it-1}$			0,0128	0,7964	0,0138	0,7817	-0,0140	0,7925
$AUDTAM_{it} * \Delta NI_{it-1}$			0,7698	0,0000	0,7624	0,0000	0,7003	0,0000
$AUDTAM_{it} * \Delta NI_{it-1}$								
$1 * \Delta NI_{it-1}$			-0,5156	0,0001	-0,5066	0,0002	-0,7473	0,0000
$LnAT_{it-1}$	-0,0072	0,6508	-0,0207	0,0057	-0,0197	0,0087	-0,0191	0,0115
$DLoss_{it-1}$	-0,1093	0,0002	-0,0798	0,0058	-0,0820	0,0046	-0,0862	0,0030
ROA_{it-1}	0,0307	0,0129	0,0086	0,1571	0,0088	0,1445	0,0187	0,0009
$ALAV_{it-1}$	0,0033	0,7484	0,0010	0,6432	0,0009	0,6543	0,0041	0,0554
FCO_{it-1}	0,2718	0,0580	0,2611	0,0000	0,2609	0,0000	0,2525	0,0000
R^2	0,2911		0,3221		0,3211		0,3161	
$R^2_{ajustado}$	0,2766		0,3069		0,3058		0,3007	
<i>F-statistic</i>	20,0879	0,0000	21,0927	0,0000	20,9892	0,0000	20,5147	0,0000
<i>White Test</i>	23,8492	0,0000	38,8582	0,0000	38,1332	0,0000	32,1067	0,0000
<i>Serial Correlation LM</i>	83,7220	0,0000	127,803	0,0000	127,168	0,0000	124,300	0,0000
<i>Jarque-Bera</i>	13629213	0,0000	14401094	0,0000	14423921	0,0000	14226914	0,0000
<i>Durbin Watson</i>	1,6327		1,6795		1,6763		1,6762	
Observações	1998		1998		1998		1998	

Modelo empregado para investigar o conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 2): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 \Delta NI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$

Modelo empregado para investigar a influência do tamanho da firma de auditoria no conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 3): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 \Delta NI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_4 AUDTAM_{it} + \alpha_5 AUDTAM_{it} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_6 AUDTAM_{it} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_7 AUDTAM_{it} * \Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it}$

ΔNI_{it} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t;

ΔNI_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-2 para o ano t-1, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t-1;

ΔNI_{it-1} = variável *dummy* para indicar se a variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t é negativa; assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

$AUDTAM_{it}$ = variável *dummy* para indicar se a empresa-ano foi auditada por uma firma de auditoria classificada como *Big Four*, *Big Five* ou *Big Five e Middle*, assumindo valor 1 se for auditada por uma grande firma de auditoria, e valor 0 se for empresa não *Big*;

ε_{it} = erro da regressão.

Fonte: Própria

Analisando os parâmetros do modelo para todas as *proxies* de tamanho da firma de auditoria (*Big 4*, *Big 5* e *Big 5 e Middle*), verificaram-se que os coeficientes α_2 e α_3 não são significativamente diferente de zero, entretanto, as mesmas variáveis multiplicadas pela variável $AUDTAM_{it}$ são relevantes para o modelo ampliado (Equação 3).

Observa-se que a soma dos coeficientes α_2 , α_3 , α_6 e α_7 é menor que zero, indicando que as demonstrações contábeis das companhias abertas têm reconhecimento oportuno das perdas. Avaliando o comportamento conservador dos números contábeis diante do tamanho da firma de auditoria, o coeficiente α_7 é negativo e significativo (para todas as amostras), indicando que

as variações negativas dos resultados são menos persistentes do que os ganhos. Essas evidências sugerem que as companhias abertas brasileiras apresentam maior nível de conservadorismo contábil quando são auditadas por uma das grandes firmas de auditoria.

Assim, os resultados apresentados corroboram a primeira hipótese de pesquisa, na qual coloca que o nível de conservadorismo contido nas demonstrações contábeis é maior nas empresas auditadas pelas maiores firmas de auditoria independente do que pelas menores firmas de auditoria.

Adicionalmente, verifica-se que o modelo de estimação de conservadorismo contábil tem maior poder preditivo, quando se utiliza a *proxy* para tamanho da firma com base na classificação da *Big Four* (*Big 4*). Essa evidência também colabora com a hipótese de que o nível de conservadorismo contábil dos relatórios financeiros das companhias abertas é afetado significativamente pelo tamanho da firma de auditoria.

4.2.2 Tipo de cliente da auditoria: administração da empresa ou comitê de auditoria

A literatura sobre o tema descreve que o tipo de cliente afeta a qualidade da auditoria. O tipo de cliente refere-se ao gestor ou órgão administrativo da firma que tem a responsabilidade pela contratação da auditoria independente. Com a implantação do comitê de auditoria por parte das empresas, a atribuição da contratação passou a ser desse órgão administrativo, buscando ampliar a independência da firma de auditoria e, conseqüentemente, melhorar a qualidade dos seus serviços.

Observa-se, na Tabela 9, que os coeficientes α_4 , α_5 , α_6 , e α_7 , que representam a variável $AUDCOM_{it}$ (comitê de auditoria) e as interações dessa variável com as demais do modelo original, não são significativamente diferente de zero ($p\text{-value} > 0,05$). A soma dos coeficientes α_2 , α_3 , α_6 e α_7 é igual a -0,4424, indicando reconhecimento oportuno das perdas, pois é menor que zero. Entretanto, essa soma não é significativamente diferente da soma dos coeficientes α_2 e α_3 (-0,4248), corroborando a evidência anterior.

Esses resultados sugerem que a contratação da firma de auditoria pelo comitê de auditoria não afeta significativamente o comportamento conservador dos números contábeis das empresas analisadas. Portanto, não foi confirmada a hipótese de que a existência de um comitê de auditoria responsável pela contratação dos auditores independentes afeta positivamente o nível de conservadorismo em suas demonstrações contábeis.

Tabela 9 – Estimação do modelo de conservadorismo com o tipo de cliente

	Original		Tipo de cliente	
	coeficiente	p-value	coeficiente	p-value
<i>Interceptor</i>	-0,0184	0,9283	-0,0314	0,8701
$DANI_{it-1}$	0,0642	0,0206	0,0740	0,0108
ΔNI_{it-1}	0,5416	0,1275	0,5444	0,0000
$\Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$	-0,9712	0,0412	-0,9692	0,0000
$AUDCOM_{it}$			0,0929	0,0757
$AUDCOM_{it} * DANI_{it-1}$			-0,1017	0,1980
$AUDCOM_{it} * \Delta NI_{it-1}$			-1,0895	0,0638
$AUDCOM_{it} * \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$			1,0719	0,2294
$LnAT_{it-1}$	-0,0072	0,6508	-0,0084	0,2615
$DLoss_{it-1}$	-0,1093	0,0002	-0,1085	0,0005
ROA_{it-1}	0,0307	0,0129	0,0304	0,0000
$ALAV_{it-1}$	0,0033	0,7484	0,0034	0,0533
FCO_{it-1}	0,2718	0,0580	0,2814	0,0000
R^2	0,2911		0,2951	
$R^2_{ajustado}$	0,2766		0,2785	
<i>F-statistic</i>	20,0879	0,0000	17,7865	0,0000
<i>White Test</i>	23,8492	0,0000	20,7229	0,0000
<i>Serial Correlation LM</i>	83,7220	0,0000	80,3587	0,0000
<i>Jarque-Bera</i>	13629213	0,0000	11439237	0,0000
<i>Durbin Watson</i>	1,6327		1,6316	
Observações	1998		1871	

Modelo empregado para investigar o conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 2): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 DANI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$

Modelo empregado para investigar a influência do tipo de cliente no conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 3): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 DANI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1} + \alpha_4 AUDCOM_{it} + \alpha_5 AUDCOM_{it} * DANI_{it-1} + \alpha_6 AUDCOM_{it} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_7 AUDCOM_{it} * DANI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it}$

ΔNI_{it} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t;

ΔNI_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-2 para o ano t-1, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t-1;

$DANI_{it-1}$ = variável *dummy* para indicar se a variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t é negativa; assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

$AUDCOM_{it}$ = variável *dummy* para indicar se a empresa-ano tem comitê de auditoria, assumindo valor 1 se possua comitê de auditoria, e valor 0, caso contrário;

ε_{it} = erro da regressão.

Fonte: Própria

4.2.3 Período de relacionamento entre a auditoria e o cliente (*audit tenure*)

Outra hipótese levantada na pesquisa é que o tempo de relacionamento reduz o conservadorismo contábil, pois prejudica a qualidade da auditoria e da informação contábil. Esta pesquisa incluiu no modelo original uma variável que representa o número de anos consecutivos que a mesma empresa presta serviços de auditoria para companhia aberta.

Por exemplo, se no ano de 2006 a firma de auditoria que auditou as demonstrações contábeis da companhia X foi diferente do responsável por esse serviço no ano anterior, a variável $TENURE_{it}$ assumiu o valor 1. Se a firma de auditoria continuou prestando serviços de auditoria independente no ano de 2007, a variável $TENURE_{it}$ assumiu o valor 2; e

umentando, assim, sucessivamente. Supondo que houve uma troca de auditor no ano de 2011, então, a variável $TENURE_{it}$ volta a assumir o valor 1.

Tabela 10 – Estimação do modelo de conservadorismo com o tempo de relacionamento e rodízio

	Original		Tenure		Rodízio	
	coeficiente	p-value	coeficiente	p-value	coeficiente	p-value
<i>Interceptor</i>	-0,0184	0,9283	-0,2320	0,3288	-0,1145	0,5288
$DANI_{it-1}$	0,0642	0,0206	0,2001	0,0303	0,0326	0,0886
ΔNI_{it-1}	0,5416	0,1275	2,0129	0,0407	0,7690	0,0000
$\Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$	-0,9712	0,0412	-2,6674	0,0074	-0,5707	0,0000
$TENURE_{it}$			0,0290	0,0661		
$TENURE_{it} * DANI_{it-1}$			-0,0238	0,1848		
$TENURE_{it} * \Delta NI_{it-1}$			-0,3237	0,0998		
$TENURE_{it} * \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$			0,4679	0,0446		
$RODIZIO_{it}$					0,0082	0,6017
$RODIZIO_{it} * DANI_{it-1}$					-0,0241	0,3909
$RODIZIO_{it} * \Delta NI_{it-1}$					0,1228	0,0250
$RODIZIO_{it} * \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$					-0,3924	0,0294
$LnAT_{it-1}$	-0,0072	0,6508	-0,0031	0,8416	-0,0063	0,6754
$DLoss_{it-1}$	-0,1093	0,0002	-0,1325	0,0000	-0,0440	0,0331
ROA_{it-1}	0,0307	0,0129	0,0157	0,3480	-0,1643	0,0000
$ALAV_{it-1}$	0,0033	0,7484	0,0093	0,3346	-0,0220	0,0033
FCO_{it-1}	0,2718	0,0580	0,3271	0,0398	0,2742	0,0537
R^2	0,2911		0,3691		0,5936	
$R^2_{ajustado}$	0,2766		0,3539		0,5845	
<i>F-statistic</i>	20,0879	0,0000	24,2940	0,0000	65,1948	0,0000
<i>White Test</i>	23,8492	0,0000	12,9261	0,0000	8,1817	0,0000
<i>Serial Correlation LM</i>	83,7220	0,0000	63,9312	0,0000	17,8698	0,0000
<i>Jarque-Bera</i>	13629213	0,0000	7641111	0,0000	54942397	0,0000
<i>Durbin Watson</i>	1,6327		1,5846		1,4684	
Observações	1998		1872		1872	

Modelo empregado para investigar o conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 2): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 DANI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$

Modelo empregado para investigar a influência do período de relacionamento com o cliente no conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 3): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 DANI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1} + \alpha_4 TENURE_{it} + \alpha_5 TENURE_{it} * DANI_{it-1} + \alpha_6 TENURE_{it} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_7 TENURE_{it} * DANI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it}$

Modelo empregado para investigar a influência da mudança da firma de auditoria no conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 3): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 DANI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1} + \alpha_4 RODIZIO_{it} + \alpha_5 RODIZIO_{it} * DANI_{it-1} + \alpha_6 RODIZIO_{it} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_7 RODIZIO_{it} * DANI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it}$

ΔNI_{it} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t;

ΔNI_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-2 para o ano t-1, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t-1;

$DANI_{it-1}$ = variável *dummy* para indicar se a variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t é negativa; assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

$TENURE_{it}$ = quantidade de anos consecutivos que a auditoria é realizada pela mesma firma na empresa i;

$RODIZIO_{it}$ = variável *dummy* para indicar se ocorre mudança da firma de auditoria no ano analisado, assumindo valor 1 se positivo, e valor 0, caso contrário;

ε_{it} = erro da regressão.

Fonte: Própria

Observa-se na coluna *TENURE* da Tabela 10 que o coeficiente α_7 é positivo e estatisticamente significativo para o modelo. Além disso, o coeficiente α_2 tornou-se estatisticamente significativo, indicando reconhecimento oportuno de ganhos. Esses resultados são confirmados pela soma dos coeficientes α_2 , α_3 , α_6 e α_7 , onde o somatório desses parâmetros é igual a -0,5103, maior do que os coeficientes α_2 e α_3 (-0,6545). Tais evidências sugerem que o maior tempo de prestação de serviços de auditoria afeta negativamente a qualidade dos serviços de auditoria, reduzindo o nível de conservadorismo dos números contábeis.

Com base nesses resultados, optou-se verificar se no ano anterior à mudança da firma de auditoria houve um aumento no nível de conservadorismo nas demonstrações reportadas pelas companhias abertas brasileiras. Para tanto, criou-se uma variável *dummy* para indicar o ano em que ocorreu a mudança da firma de auditoria, assumindo valor 1, e valor 0 para os demais anos. Os parâmetros para essa análise também estão apresentados na Tabela 10.

As estatísticas apresentadas indicam que os coeficientes α_2 , α_3 , α_6 e α_7 são estatisticamente significativas, somando o valor de -0,0712. O coeficiente α_7 (-0,3924) e ele adicionado ao coeficiente α_6 (-0,3924 + 0,1228 = -0,2616) são negativos, indicando que, no ano que ocorre mudança da empresa de auditoria responsável, as demonstrações contábeis das companhias abertas brasileiras reportam resultados mais conservadores.

4.2.4 Atraso no relatório de auditoria independente (*audit delay*)

A quarta hipótese desta pesquisa refere-se ao atraso na emissão do relatório de auditoria independente, onde a literatura coloca que o maior tempo na emissão do relatório indica menor qualidade da informação contábil. Assim, como nas análises anteriores, a inclusão de uma *proxy* para indicar o tempo entre o final do ano-competência e a data de emissão do relatório de auditoria independente, alterou os coeficientes de mensuração e o comportamento dos números contábeis (α_2 e α_3).

No que se refere ao tempo de emissão do relatório da auditoria independente, os coeficientes são estatisticamente significantes, sendo que os sinais preditivos foram invertidos em relação ao modelo original. Já os parâmetros dos coeficientes α_6 e α_7 assumem sinal positivo e negativo, respectivamente, e ambos são estatisticamente significativos. Mas a soma desses coeficientes é baixa (-0,0048), tornando-se insignificante (Tabela 11).

Com base no teste Wald para o somatório dos coeficientes α_2 , α_3 , α_6 e α_7 , apresenta-se uma estatística *F* igual a 0,3399 (*p-value* = 0,5598), indicando que, no conjunto, o tempo de

emissão do relatório da auditoria independente não afeta o conservadorismo contido nas demonstrações contábeis.

Tabela 11 – Estimação do modelo de conservadorismo com o tempo de emissão do relatório da auditoria independente

	Original		Delay	
	coeficiente	p-value	coeficiente	p-value
<i>Interceptor</i>	-0,0184	0,9283	0,2856	0,2032
ΔNI_{it-1}	0,0642	0,0206	-0,1162	0,1207
ΔNI_{it-1}	0,5416	0,1275	-1,9571	0,0251
$\Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$	-0,9712	0,0412	2,1679	0,0484
$DELAY_{it}$			-0,0027	0,0095
$DELAY_{it} * \Delta NI_{it-1}$			0,0020	0,0421
$DELAY_{it} * \Delta NI_{it-1}$			0,0212	0,0047
$DELAY_{it} * \Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$			-0,0259	0,0038
$LnAT_{it-1}$	-0,0072	0,6508	-0,0184	0,2558
$DLoss_{it-1}$	-0,1093	0,0002	-0,0735	0,0081
ROA_{it-1}	0,0307	0,0129	-0,0006	0,9728
$ALAV_{it-1}$	0,0033	0,7484	0,0037	0,6446
FCO_{it-1}	0,2718	0,0580	0,2829	0,0609
R^2	0,2911		0,4204	
$R^2_{ajustado}$	0,2766		0,4064	
<i>F-statistic</i>	20,0879	0,0000	30,0204	0,0000
<i>White Test</i>	23,8492	0,0000	7,4261	0,0000
<i>Serial Correlation LM</i>	83,7220	0,0000	1597,7950	0,0000
<i>Jarque-Bera</i>	13629213	0,0000	149110282	0,0000
<i>Durbin Watson</i>	1,6327		1,5048	
Observações	1998		1866	

Modelo empregado para investigar o conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 2): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 \Delta NI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$

Modelo empregado para investigar a influência do tempo de emissão do relatório de auditoria independente no conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 3): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 \Delta NI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_4 DELAY_{it} + \alpha_5 DELAY_{it} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_6 DELAY_{it} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_7 DELAY_{it} * \Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it}$

ΔNI_{it} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t;

ΔNI_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-2 para o ano t-1, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t-1;

ΔNI_{it-1} = variável *dummy* para indicar se a variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t é negativa; assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

$DELAY_{it}$ = número de dias entre o final do ano-competência e a data de emissão do relatório de auditoria da empresa i no ano t;

ε_{it} = erro da regressão.

Fonte: Própria

4.2.5 Serviços de não auditoria (*services not related to auditing*)

Um dos temas mais discutidos no meio acadêmico e profissional refere-se ao prejuízo na independência, quando a firma de auditoria presta outros tipos de serviços ao cliente auditado. Diante disso, levantou-se a quinta hipótese desta pesquisa.

Tabela 12 – Estimação do modelo de conservadorismo com serviços de não auditoria

	Original		Delay	
	coeficiente	p-value	coeficiente	p-value
<i>Interceptor</i>	-0,0184	0,9283	-0,0317	0,8829
$DANI_{it-1}$	0,0642	0,0206	0,0678	0,0232
ΔNI_{it-1}	0,5416	0,1275	0,5442	0,1278
$\Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$	-0,9712	0,0412	-0,9674	0,0438
NAS_{it}			0,0627	0,0155
$NAS_{it} * DANI_{it-1}$			-0,0844	0,0194
$NAS_{it} * \Delta NI_{it-1}$			-0,6660	0,0788
$NAS_{it} * \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$			-0,0210	0,9636
$LnAT_{it-1}$	-0,0072	0,6508	-0,0082	0,6349
$DLoss_{it-1}$	-0,1093	0,0002	-0,1110	0,0002
ROA_{it-1}	0,0307	0,0129	0,0303	0,0160
$ALAV_{it-1}$	0,0033	0,7484	0,0034	0,7403
FCO_{it-1}	0,2718	0,0580	0,2812	0,0586
R^2	0,2911		0,2942	
$R^2_{ajustado}$	0,2766		0,2772	
<i>F-statistic</i>	20,0879	0,0000	20,2242	0,0000
<i>White Test</i>	23,8492	0,0000	7,4261	0,0000
<i>Serial Correlation LM</i>	83,7220	0,0000	81,1142	0,0000
<i>Jarque-Bera</i>	13629213	0,0000	11405087	0,0000
<i>Durbin Watson</i>	1,6327		1,6335	
Observações	1998		1871	

Modelo empregado para investigar o conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 2): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 DANI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$

Modelo empregado para investigar a influência dos serviços de não auditoria no conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 3): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 DANI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1} + \alpha_4 NAS_{it} + \alpha_5 NAS_{it} * DANI_{it-1} + \alpha_6 NAS_{it} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_7 NAS_{it} * DANI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it}$

ΔNI_{it} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t;

ΔNI_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-2 para o ano t-1, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t-1;

$DANI_{it-1}$ = variável *dummy* para indicar se a variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t é negativa; assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

NAS_{it} = variável *dummy* para indicar se a firma de auditoria prestou serviços de não auditoria da empresa i no ano t, assumindo valor 1 quando no ano que ocorrerem tais serviços, e valor 0, caso contrário;

ε_{it} = erro da regressão.

Fonte: Própria

Analisando os parâmetros descritos na Tabela 12, verificaram-se que os coeficientes α_2 e α_3 não sofreram variações significativas e permaneceram conforme esperado para o modelo original. Entretanto, os coeficientes α_6 e α_7 não são significativamente diferentes de zero, o que indica que a prestação de serviços de não auditoria não afeta significativamente o nível de conservadorismo das demonstrações contábeis das companhias abertas brasileiras.

4.2.6 Importância do cliente

Ainda referente à preocupação com a independência da firma de auditoria, analisou se a importância do cliente afeta o comportamento conservador dos números contábeis reportados pelas companhias abertas no mercado de capitais brasileiro.

Tabela 13 – Estimação do modelo de conservadorismo com a importância do cliente

	Original		Importância do cliente	
	coeficiente	p-value	coeficiente	p-value
<i>Interceptor</i>	-0,0184	0,9283	0,2918	0,2783
$DANI_{it-1}$	0,0642	0,0206	0,0435	0,1120
ΔNI_{it-1}	0,5416	0,1275	0,5964	0,1166
$\Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$	-0,9712	0,0412	-1,0603	0,0248
$IMPCLI_{it}$			0,0443	0,2969
$IMPCLI_{it} * DANI_{it-1}$			-0,0122	0,7949
$IMPCLI_{it} * \Delta NI_{it-1}$			-0,2872	0,6579
$IMPCLI_{it} * \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$			-0,0159	0,9816
$LnAT_{it-1}$	-0,0072	0,6508	-0,0190	0,3966
$DLoss_{it-1}$	-0,1093	0,0002	-0,0268	0,7184
ROA_{it-1}	0,0307	0,0129	0,0329	0,0721
$ALAV_{it-1}$	0,0033	0,7484	-0,0527	0,2943
FCO_{it-1}	0,2718	0,0580	0,7071	0,2416
R^2	0,2911		0,3625	
$R^2_{ajustado}$	0,2766		0,3520	
<i>F-statistic</i>	20,0879	0,0000	34,4411	0,0000
<i>White Test</i>	23,8492	0,0000	55,8271	0,0000
<i>Serial Correlation LM</i>	83,7220	0,0000	390,4532	0,0000
<i>Jarque-Bera</i>	13629213	0,0000	9413846	0,0000
<i>Durbin Watson</i>	1,6327		1,3381	
Observações	1998		1417	

Modelo empregado para investigar o conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 2): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 DANI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$

Modelo empregado para investigar a influência da importância do cliente no conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 3): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 DANI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1} + \alpha_4 IMPCLI_{it} + \alpha_5 IMPCLI_{it} * DANI_{it-1} + \alpha_6 IMPCLI_{it} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_7 IMPCLI_{it} * DANI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it}$

ΔNI_{it} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t;

ΔNI_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-2 para o ano t-1, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t-1;

$DANI_{it-1}$ = variável *dummy* para indicar se a variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t é negativa; assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

$IMPCLI_{it}$ = variável *dummy* que indica se o cliente auditado para firma da auditoria independente, que assumindo valor 1, se o logaritmo natural das receitas líquidas da empresa auditada representa mais de 15% do somatório do logaritmo natural das receitas líquidas de todos os clientes da empresa de auditoria, caso contrário, ela assume valor 0;

ε_{it} = erro da regressão.

Fonte: Própria

De acordo com a Tabela 13, verifica-se que o coeficiente α_2 é positivo e não significativamente diferente de zero, enquanto α_3 é negativo e significativo, conforme preditivo para o modelo original. Mas os coeficientes α_6 e α_7 , que analisam a importância do cliente, não são significativos, implicando que essa característica não afeta o nível de conservadorismo das demonstrações contábeis das companhias abertas brasileiras.

4.2.7 Especialização da auditoria

No que tange à competência da auditoria, analisou-se aqui a especialização da firma de auditoria e se essa característica afeta a qualidade da informação contábil, especificamente o conservadorismo contábil.

Tabela 14 – Estimação do modelo de conservadorismo com a especialização da auditoria

	Original		Especialização	
	coeficiente	p-value	coeficiente	p-value
<i>Interceptor</i>	-0,0184	0,9283	-0,0079	0,9731
ΔNI_{it-1}	0,0642	0,0206	0,0729	0,0195
ΔNI_{it-1}	0,5416	0,1275	0,5432	0,1280
$\Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$	-0,9712	0,0412	-0,9663	0,0434
$AUDEXP_{it}$			0,0568	0,1218
$AUDEXP_{it} * \Delta NI_{it-1}$			-0,0676	0,0770
$AUDEXP_{it} * \Delta NI_{it-1}$			-0,7026	0,1306
$AUDEXP_{it} * \Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$			0,8506	0,1715
$LnAT_{it-1}$	-0,0072	0,6508	-0,0093	0,6263
$DLoss_{it-1}$	-0,1093	0,0002	-0,1119	0,0002
ROA_{it-1}	0,0307	0,0129	0,0303	0,0154
$ALAV_{it-1}$	0,0033	0,7484	0,0034	0,7430
FCO_{it-1}	0,2718	0,0580	0,2835	0,0569
R^2	0,2911		0,2935	
$R^2_{ajustado}$	0,2766		0,2771	
<i>F-statistic</i>	20,0879	0,0000	17,9545	0,0000
<i>White Test</i>	23,8492	0,0000		
<i>Serial Correlation LM</i>	83,7220	0,0000		
<i>Jarque-Bera</i>	13629213	0,0000	12777156	0,0000
<i>Durbin Watson</i>	1,6327		1,6380	
Observações	1998		1947	

Modelo empregado para investigar o conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 2): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 \Delta NI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$

Modelo empregado para investigar a influência da especialização da auditoria no conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias abertas brasileiras (Equação 3): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 \Delta NI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_4 AUDEXP_{it} + \alpha_5 AUDEXP_{it} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_6 AUDEXP_{it} * \Delta NI_{it-1} + \alpha_7 AUDEXP_{it} * \Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it}$

ΔNI_{it} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t;

ΔNI_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-2 para o ano t-1, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t-1;

ΔNI_{it-1} = variável *dummy* para indicar se a variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t é negativa; assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

$IMPCLI_{it}$ = variável *dummy* que indica se a empresa de auditoria é especialista em alguma área, caso sim assume valor 1, caso contrário, ela assume valor 0;

ε_{it} = erro da regressão.

Fonte: Própria

Na Tabela 14 são apresentados os parâmetros do modelo operacional descrito na Equação 3, com a inclusão de uma *proxy* (*AUDEXP*) para indicar se a firma de auditoria detém especialização no ramo de atividade do cliente.

As evidências indicam que os coeficientes α_2 e α_3 são, respectivamente, positivo e negativo, sendo que somente o último é significativo, e confirmam o esperado pela especificação do modelo. Por outro lado, os coeficientes α_6 e α_7 , que buscam captar a especialização ou não da firma de auditoria, não apresentam coeficientes significativos. Assim, esses resultados sugerem que a maior especialização de auditoria no ramo de atividade do cliente não influencia o comportamento conservador dos números contábeis reportados pelas empresas brasileiras.

4.2.8 Análise sobre as variáveis de controle

A literatura corrente sobre o tema apresenta um grande número de variáveis de controle empregadas nas pesquisas quantitativas que versam sobre auditoria, sendo que neste trabalho optou-se por aquelas que frequentemente são utilizadas. Os parâmetros estimados das variáveis de controle apresentadas nas análises anteriores (Tabelas 8 a 14) estão resumidos na Tabela 15.

Tabela 15 – Parâmetros das variáveis de controle empregadas

	$LnAT_{it-1}$	$DLoss_{it-1}$	ROA_{it-1}	$ALAV_{it-1}$	FCO_{it-1}
Original	-0,0072 0,6508	-0,1093 0,0002	0,0307 0,0129	0,0033 0,7484	0,2718 0,0580
Tamanho da firma de auditoria (<i>Big 4</i>)	-0,0207 0,0057	-0,0798 0,0058	0,0086 0,1571	0,0010 0,6432	0,2611 0,0000
Tamanho da firma de auditoria (<i>Big 5</i>)	-0,0197 0,0087	-0,0820 0,0046	0,0088 0,1445	0,0009 0,6543	0,2609 0,0000
Tamanho da firma de auditoria (<i>Big 5 e Middle</i>)	-0,0191 0,0115	-0,0862 0,0030	0,0187 0,0009	0,0041 0,0554	0,2525 0,0000
Tipo de cliente (<i>AUDCOM</i>)	-0,0084 0,2615	-0,1085 0,0005	0,0304 0,0000	0,0034 0,0533	0,2814 0,0000
Tempo de relacionamento com o cliente (<i>TENURE</i>)	-0,0063 0,6754	-0,0440 0,0331	-0,1643 0,0000	-0,0220 0,0033	0,2742 0,0537
Tempo de emissão do relatório de auditoria (<i>DELAY</i>)	-0,0184 0,2558	-0,0735 0,0081	-0,0006 0,9728	0,0037 0,6446	0,2829 0,0609
Serviços de não de auditoria (<i>NAS</i>)	-0,0082 0,6349	-0,1110 0,0002	0,0303 0,0160	0,0034 0,7403	0,2812 0,0586
Importância do cliente (<i>IMPCLI</i>)	-0,0190 0,3966	-0,0268 0,7184	0,0329 0,0721	-0,0527 0,2943	0,7071 0,2416
Especialização da firma de auditoria (<i>EXP</i>)	-0,0093 0,6263	-0,1119 0,0002	0,0303 0,0154	0,0034 0,7430	0,2835 0,0569

Fonte: Própria

Com base nos parâmetros apresentados na Tabela 15, o tamanho da empresa auditada ($LnAT$) assumiu sinal negativo em todos os testes realizados, mas só foi estatisticamente significativo com o modelo de conservadorismo que incluiu a variável que indica o tamanho

da firma de auditoria (*AUDTAM*). Essas evidências sugerem que as maiores companhias abertas brasileiras apresentam números contábeis mais conservadores do que as empresas menores.

O montante do fluxo de caixa operacional (*FCO*) também foi significativo nos testes com o tamanho da firma de auditoria, bem como para o tipo de cliente (*AUDCOM*). Mas, diferentemente do tamanho da empresa auditada, todas as análises apresentam coeficientes positivos, o que implica que as companhias com maior fluxo de caixa operacional têm resultados mais conservadores.

A lucratividade da companhia auditada, com base no retorno sobre o ativo (*ROA*), é relevante e tem sinal positivo em todas as estimações realizadas para testar cada hipótese, exceto para o modelo com a variável *DELAY* (tempo de emissão do relatório de auditoria), que não é significativa, e com a variável *TENURE* (tempo de relacionamento com o cliente), em que assume sinal negativo. Os resultados, assim, sugerem que as companhias com maior retorno sobre o ativo apresentam resultados menos conservadores.

A variável *DLoss*, que indica se a empresa-ano apresenta resultado líquido negativo, tem sinal negativo e somente na análise da importância do cliente foi irrelevante para o modelo. Tal fato indica que essa variável é importante para se estimar parâmetros mais robustos para o modelo, colaborando, assim, para obter inferências mais adequadas nos estudos sobre conservadorismo contábil no mercado de capitais brasileiro.

Por fim, o grau de alavancagem da empresa auditada foi somente significativo para o modelo com a variável do tempo de relacionamento com o cliente que assume sinal negativo. Porém, para as demais hipóteses, ela não foi relevante, assim, não se pode inferir sobre a influência dessa variável sobre o comportamento conservador dos números contábeis.

4.3 OUTRAS ANÁLISES ESTATÍSTICAS

Como pode ser observado nas Tabelas 8 a 14, em todas as estimações para os modelos empregados nesta pesquisa ocorrem dificuldades no atendimento dos pressupostos da regressão múltipla. O primeiro pressuposto é o da linearidade, na qual os modelos operacionais utilizados atendem adequadamente, pois, segundo Greene (2003, p. 10-13), são lineares nos parâmetros.

Com relação à exogeneidade, os regressores das especificações dos modelos não possuem forte correlação com os resíduos da regressão, conforme Apêndice C, assim, pode-se

considerar que as variáveis explicativas não carregam informações sobre os resíduos do modelo proposto.

As estatísticas apresentadas para os testes Jarque-Bera indicam que os resíduos das equações não seguem uma distribuição normal; e também, de acordo com os testes de White, apresentam heteroscedasticidade. Adicionalmente, baseado nos testes de correlação serial LM Breusch-Godfrey, existem evidências significativas de ausência de autocorrelação, ao nível de 5%, e nos testes de Durbin-Watson, observa-se a presença de autocorrelação na amostra desta pesquisa. Por fim, o modelo proposto apresentou, através dos testes Variance Inflation Factor, multicolineariedade acima do nível aceitável nas variáveis de interação do modelo.

Apesar de as evidências mostrarem que os pressupostos da normalidade, homoscedasticidade e ausência de autocorrelação e de multicolineariedade não foram satisfeitos, esses podem ser relaxados nas inferências sobre os parâmetros dos modelos, pois, segundo Wooldridge (2002) e Greene (2003), seus coeficientes são consistentes e não viesados assintoticamente, mas deixam de ser os melhores estimadores lineares não viesados. Assim exposto, os resultados aqui são relevantes para explicar a relação de causa e efeito de eventos passados, porém não devem ser utilizados para estimar ou prever fenômenos futuros.

O coeficiente de determinação ajustado (R^2 ajustado) variou entre 0,27 a 0,58, dependendo da característica da qualidade da auditoria analisada. Portanto, no que se refere ao poder preditivo das equações estimadas, pode-se considerar que elas apresentam um adequado ajustamento do comportamento conservador dos resultados contábeis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar se essas características (ou atributos) da qualidade da auditoria afetam a qualidade das informações contábeis, especificamente o conservadorismo contábil. Fan e Zhag (2012) consideram que o conservadorismo é o conceito contábil mais influente, estando presente, explícita ou implicitamente, em diversos conjuntos normativos da contabilidade.

Como pode ser visto no referencial teórico, a definição de qualidade da informação contábil e de qualidade de auditoria é uma tarefa complicada, pois ambas passam por aspectos subjetivos dos vários agentes econômicos envolvidos no processo de comunicação do desempenho da firma, como contadores, auditores, investidores, credores, governo, reguladores etc.

Uma das evidências observadas neste trabalho refere-se ao conservadorismo contábil das demonstrações financeiras na amostra analisada. Diante das estatísticas apuradas em todas as estimações realizadas, verifica-se que os parâmetros que medem o conservadorismo foram significantes. Portanto, os resultados da pesquisa sugerem que os números contábeis reportados pelas companhias abertas brasileiras possuem comportamento conservador.

A hipótese de pesquisa trata sobre o tamanho da firma de auditoria e o nível de conservadorismo. Com base nas evidências extraídas da análise estatística, pode-se confirmar a hipótese de que o nível de conservadorismo contábil é maior nos números reportados pelas empresas auditadas pelas maiores firmas de auditoria independente do que pelas menores. Assim, sugere-se que as maiores firmas de auditoria independente, normalmente denominadas de *Big Four*, apresentam maior qualidade de auditoria. Adicionalmente, esses resultados sugerem que as *Big Four* possuem maior independência e/ou competência em relação às demais empresas do ramo de auditoria.

Observa-se, também, que os resultados não se alteraram com a inclusão da Arthur Andersen (formando as *Big Five*) e as firmas de auditoria BDO Trevisan Auditores Independentes e Terco Grant Thornton (chamadas aqui de *Middle*).

As evidências apresentadas neste trabalho apontam que o comitê de auditoria não influenciou o conservadorismo dos números contábeis. Assim, esse mecanismo de governança corporativa, com base na análise estatística, não contribui para a qualidade da auditoria e, conseqüentemente, para os números reportados pelas companhias abertas brasileiras.

Um dos pontos amplamente discutidos nos vários fóruns acadêmicos e profissionais é sobre o tempo de prestação de serviços de auditoria. Os resultados apresentados na análise estatística indicam que o conservadorismo contábil é fortemente afetado pelo número de anos contínuos em que a companhia aberta é auditada pela mesma firma de auditoria. Adicionalmente, verificou-se que o nível de conservadorismo é maior no ano em que ocorre a mudança da firma de auditoria responsável.

Diante desse cenário, sugere-se que o maior tempo de prestação de serviços de auditoria afeta negativamente a qualidade dos serviços de auditoria, pois, provavelmente, interfere no relacionamento do auditor com o cliente.

A quarta hipótese da pesquisa refere-se à relação entre o tempo de emissão do relatório da auditoria independente e o conservadorismo contábil. As evidências apresentadas neste trabalho confirmam que o maior espaço de tempo entre a data das demonstrações contábeis e a data de emissão do relatório de auditoria independente é inversamente relacionado ao conservadorismo contábil. Assim, sugere-se que o atraso na emissão do relatório da auditoria não afeta o conservadorismo contido nas demonstrações contábeis.

Sobre a influência dos serviços de não auditoria, prestadas pelas próprias firmas responsáveis pela auditoria, os resultados aqui apresentados demonstram que o nível de conservadorismo contábil não é afetado negativamente por essas relações contratuais. Entretanto, também não existem evidências de que a prestação de outros serviços pela auditoria responsável aumente o conhecimento sobre os negócios da companhia auditada.

Outra hipótese levantada é de que a importância do cliente prejudica o relacionamento entre o auditor e a empresa auditada e, por conseguinte, afeta negativamente a qualidade das informações contábeis e da auditoria. Porém, as evidências encontradas não confirmam a tese de que quanto mais importante for o cliente, menor a qualidade dos serviços de auditoria e da informação contábil reportada por ele.

Finalmente, na sétima e última hipótese, este trabalho apresenta evidências que não confirmam que a maior especialização no ramo de conhecimento de atividade do cliente influencia a qualidade da auditoria.

Com base na literatura corrente, utilizaram-se outras variáveis contábeis empregadas nas pesquisas empíricas sobre auditoria. Os resultados apresentados nesta pesquisa indicam que alguma delas, como o tamanho da empresa auditada, perdas contábeis ou fluxo de caixa operacional, podem ser relevantes para a devida estimação dos parâmetros de interesse da pesquisa.

Resumidamente, portanto, os resultados indicam que o conservadorismo contábil é afetado diretamente pelo tamanho da firma de auditoria, enquanto que tempo de prestação de serviços de auditoria e o atraso na emissão do relatório da auditoria independente possuem uma relação inversa com a qualidade da informação contábil.

Não obstante, cabe salientar que este trabalho apresenta algumas limitações, como a utilização de *proxies* para mensurar cada uma das características da qualidade da auditoria, que podem ou não medir adequadamente o atributo analisado. Além disso, este trabalho avaliou exclusivamente a relação entre as características da auditoria e o conservadorismo contábil; entretanto, existem outros atributos descritos na literatura que representam fortemente a qualidade dos números contábeis reportados pelas empresas.

Por fim, pode-se sugerir como pesquisas futuras a ampliação da amostra de empresas com outros tipos de estrutura jurídica societária, como as companhias fechadas ou sociedades limitadas. Podem-se, também, avaliar outros atributos da qualidade da auditoria, ou mesmo da qualidade das informações contábeis, tais como gerenciamento de resultados, *value relevance* etc. Outras formas de estimações estatísticas também seriam relevantes para apurar de forma mais adequada os parâmetros dos modelos empregados nas pesquisas que versam sobre a auditoria. E também utilizar-se de outros métodos de coleta de dados, tais como questionários e entrevistas com analistas, auditores e profissionais envolvidos com o trabalho de auditoria, para verificar em que esses profissionais contribuem para a melhor qualidade das informações.

Espera-se que esta pesquisa contribua para a melhor compreensão dos diversos fatores que afetam a qualidade da auditoria, bem como o relacionamento desses com o conservadorismo contábil presente nas demonstrações contábeis. Além disso, espera-se que, de alguma forma, este trabalho auxilie o desenvolvimento dos novos estudos sobre as características das informações contábeis e da qualidade da auditoria no Brasil.

REFERÊNCIAS

AHMED, Anwer S. *et al.* *Accounting conservatism and the valuation of accounting numbers: evidence on the Feltham-Ohlson (1996) model.* **Journal of Accounting, Auditing and Finance.** New York: v. 15, n.3, p. 271-292, summer 2000.

ALMEIDA, Jose Elias F. de; ALMEIDA, Juan Carlos G. de. Auditoria e *earnings management*: estudo empírico nas empresas abertas auditadas pelas *big four* e demais firmas de auditoria. **Revista Contabilidade & Finanças.** São Paulo, v.20, n.50, p. 62-74, 2009.

AZEVEDO, F. B. **Efeito da troca da firma de auditoria no gerenciamento de resultados das companhias abertas brasileiras.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças – FUCAPE, Vitória, 2007

BALL, Ray; KOTHARI, S. P. ; ROBIN, Ashok. The effect of international institutional factors on properties of accounting earnings. **Journal of Accounting and Economics.** v. 29. 2000. p. 1-51.

BALL, Ray; SHIVAKUMAR, Lakshmanan. *Earnings quality UK private firms: comparative loss recognition timeliness.* **Journal of Accounting and Economics.** New York: v. 39, n.1, p. 83-128, feb. 2005.

_____ *et al.* *The effect of international institutional factors on properties of accounting earnings.* **Journal of Accounting and Economics.** New York: v. 29. n.1, p. 1-51, feb. 2000.

BALSAM, S.; KRISHNAN, J.; YANG, J. S. *Auditor industry specialization and earnings quality.* **Auditing: A Journal of Practice and Theory.** v. 22, n. 2, p. 71-97, 2003.

BAMBER, E. M.; IYER, V. M. *Auditor's identification with their clients and its effect on auditors' objectivity.* **Auditing: A Journal of Practice and Theory.** v. 26, n. 2, p. 1-24, 2007.

BARTH, Mary E.; LANDSMAN, Wayne R.; LANG, Mark H. International accounting standards and accounting quality. **Journal of Accounting Research.** v. 46, p. 467-498, 2008.

BASSETTI, Aldecir. **Rotação de auditores independentes e a análise dos pareceres antes e depois do rodízio.** 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças – FUCAPE, Vitória, 2011.

BASU, Sudipta. *The conservatism principle and the asymmetric timeliness of earnings.* **Journal of Accounting and Economics.** New York: v. 24, v.1, p. 3-37, dec. 1997.

BAZERMAN, Max H. **Processo decisório.** 5. ed. São Paulo: Campus, 2004.

_____; MORGAN, Kimberly P; LOEWENSTEIN, George F. The impossibility of auditor independence. **Sloan Management Review.** v.38, n.4, p. 89-94, 1997.

BEAVER, William H; *Financial reporting: an accounting revolution*. 3rd ed. New Jersey: Prentice Hall, 1998.

BECKER, Connie L. *et al. The effect of audit quality on earnings management.*. **Contemporary Accounting Research**. Toronto: v. 15, n.1, p. 1-24, spring 1998.

BEUREN, Ilse Maria. (org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BOYTON, C. W.; JOHNSON, R. N.; KELL, G. W. **Auditoria**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2002

BRAUNBECK, Guilherme O. **Determinantes da qualidade das auditorias independentes no Brasil**. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

BURGSTHALER, David C.; *et al. The importance of reporting incentives: earnings management in European private and public firms*. **The Accounting Review**. Sarasota: v. 81, n.5. p. 983-1016, oct. 2006.

_____; HAIL, L.; LEUZ, C. *The importance of reporting incentives: earnings management in European private and public firms*. **The Accounting Review**. v. 81. n.5, p. 983-1016. 2006.

BUSHMAN, Robert M.; SMITH, Abbie J. *Financial accounting information and corporate governance*. **Journal of Accounting and Economics**. New York: v. 32, n.1-3, p. 237-333, dec. 2001.

CARAMANIS, Costas; LENNOX, Clive S. *Audit effort and earnings management*. **Journal of Accounting and Economics**. New York: v. 45, n.1, p. 116-138, 2008.

CERVO, Amado L., BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHEN, Chih-Ying; LIN, Chan-Jane; LIN, Yu-Chen. *Audit partner tenure, audit firm tenure, and discretionary accruals: does long auditor tenure impair earnings quality?* *Working Papers*. Singapore Management University, out., 2008. Disponível em: <<http://www.ssrn.com>>. Acesso em: 03/02/2012.

CHUNG, H., KALLPUR, S. Client importance, nonaudit services and abnormal accruals. *The Accounting Review*, v 78, n4, p. -931-955, 2003.

CLARKSON, P. M.; SIMUNIC, D. A.. The association between audit quality, retained ownership, and firm specific risk in U.S. vs. Canadian IPO markets. *Journal of Accounting and Economics*, v.17, p. 207–228. 1994.

COPLEY, P. A.; GAVER, J. J.; GAVER, K. M. Simultaneous estimation of the supply and demand of differentiated audits: evidence from the municipal audit market. *Journal of Accounting Research*, v.33, p. 137–155. 1995

- COSTA, Alessandra Cristina de Oliveira; COSTA, Fábio Moraes da. Um estudo da aplicação do conservadorismo em cinco países da América do Sul. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29º, 2005, Brasília. **Anais XXIX...** Brasília: ANPAD, 2005. 1 CD-ROM.
- CUPERTINO, Cesar; MARTINEZ, Antônio. L. Qualidade da auditoria e earnings management risk assessment através do nível de accruals discricionários. **Contabilidade Vista & Revista**, v. 19, p. 69-93, 2008.
- DeANGELO, L. E. Auditor size and auditor quality. **Journal of Accounting and Economics**, v.3, p. 183-199, 1981.
- _____. **Mandated successful efforts and auditor choice. Journal of Accounting and Economics**, v.4, n. 3, p. 171-203, 1982.
- DECHOW, Patricia M.; SCHRAND, Catherine M. *Earnings quality*. Charlottesville (Virginia): CFA Institute, 2004.
- _____; GE, W.; SCHRAND, C. M. *Understanding earnings quality: a review of proxies, their determinants and their consequences. Journal of Accounting and Economics*, v. 50, n. 2-3, p. 344-401. 2010.
- DeFOND, Mark L.; SUBRAMANYAM, K. R. *Auditor changes and discretionary accruals. Journal of Accounting and Economics*. New York: v. 25, n.1, p. 35-67, feb. 1998.
- DEIS JR., Donald R.; GIROUX, Gary A. determinants of audit quality in the public sector. *The Accounting Review*. v. 67, n. 3, p. 462-479, 1992.
- DUNCAN, James R.; KNOBLETT, James A. *Investigating behaviour antecedents of earnings management. Research on Accounting Ethics*. Connection: v. 6, p. 27-66, 2000.
- DUNN, K. A.; MAYHEW, B. W. *Audit firm industry specialization and client disclosure quality. Review of Accounting Studies*. v. 9, p. 35-58, 2004.
- ETTREDGE, Michael L.; HUANG, Ying J.; ZHANG, Weining. Restatement disclosures and management earnings forecasts. *Working Papers*. Singapore Management University, feb, 2012. Disponível em: <<http://www.ssrn.com>>. Acesso em: 03/05/2012.
- FIRMINO, José E. ; DAMASCENA, Luzivalda. G. . PAULO, Edilson. Qualidade da auditoria no Brasil: um estudo sobre a atuação das auditorias independentes denominadas Big Four. *Sociedade, Contabilidade e Gestão (UFRJ)*, v. 5, p. 40-50, 2010.
- FARGHER, N.; TAYLOR, M. H.; SIMON, D. T. *The demand for auditor reputation across international markets for audit services. International Journal of Accounting*. 2001
- FERGUSON, M.J., SEOW, G.S., YOUNG, D. *Nonaudit services and earnings management: UK evidence. Contemporary Accounting Research*. v. 21, n. 4, p. 813-841. 2004.

FORMIGONI, Henrique ; et al. A contribuição do rodízio de auditoria para a independência e qualidade dos serviços prestados: um estudo exploratório baseado na percepção de gestores de companhias abertas brasileiras. **Contabilidade Vista & Revista**, v. 19, p. 1, 2008.

FRANCIS JR; KEN B *Disclosure of fees paid to auditors and the market valuation of earnings surprises*. **Review of Accounting Studies**. v. 11, p. 495–523, 2006

_____; WANG, D. *The joint effect of investor protection and Big 4 audits on earnings quality around the world*. **Contemporary Accounting Research**. v.25, n.1, p. 157-191. 2008.

_____; Yu, M. D. *Big Four office size and audit quality*. **The Accounting Review**, v. 85, n.4, p. 1521–1552. 2009

FRANKEL, R.M.; JOHNSON, M.F.; NELSON, Karen K. *The relation between auditors' fees for nonaudit services and earnings management*. **The Accounting Review**. v. 77, p. 71–105. 2002.

FURUTA, Fernanda O. **A relação das características das empresas com a adoção do comitê de auditoria x conselho fiscal adaptado**. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

GAVER, J. J.; PATERSON, J. S. *The association between external monitoring and earnings management in the property-casualty insurance industry*. **Journal of Accounting Research**. v.39, p. 269-82. 2001.

GHOSH, A., MOON, D. *Does auditor tenure impair audit quality*. **The Accounting Review**. v. 80, n.2, p. 585–612. 2005

GIVOLY, Dan; HAYN, Carla; NATARAJAN, Ashok. *Measuring reporting conservatism*. **The Accounting Review**. v. 82, n.1, p. 65–105. 2007.

GIROUX, Gary. ***Detecting earnings management***. New Jersey: John Wiley & Sons, 2004.

GREENE, William H. ***Econometric analysis***. 5th ed. New Jersey: Prentice Hall, 2003.

GUL, Ferninand A.; FUNG, Simon Y. K.; JAGGI, Bikki. *Earnings quality: some evidence on the role of auditor tenure and auditors' industry expertise*. **Journal of Accounting and Economics**, v. 47, n. 3, p. 265-287. 2009.

HAIR JR, Joseph F. *et al*. **Análise multivariada de dados**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HEALY, Paul M.; PALEPU, Krishna G. *The fall of Enron*. **Journal of Economic Perspectives**. Nashville: v. 21, n.17, p. 3-26, spring. 2003.

HOLTHAUSEN, Robert W.. WATTS, Ross L. *The relevance of the value-relevance literature for financial accounting standard setting*. **Journal of Accounting and Economics**. New York: v. 31, n.1-3, p. 3-75, sep. 2001.

HUSSAINEY, K. The impact of audit quality on earnings predictability. **Managerial Auditing Journal**. New York: v. 24, n.4, p. 340-351, 2009.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da contabilidade**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

JENKINS, D.; VELURY, U. *Does auditor tenure impact the reporting of conservative earnings*. **Journal of Accounting and Public Policy**. v.27, n.2, p. 115–132, 2008

KRISHNAN, Goal V. *Does Big 6 auditor industry expertise constrain earnings management?* **Accounting Horizons**. v.17, p. 1-16. 2003

_____; YANG, J. S. *Recent trends in audit report and earnings announcement lag*. **Accounting Horizons**. v.23, p. 265-288. 2009

KOCH, Christopher W.; WEBER, Martin; WÜSTEMANN, Jens. *Can auditors be independent? experimental evidence on the effects of client type*. (August 1, 2011). **European Accounting Review**. p. 1-27. 2011.

LaFOND, W.; WATTS, R. L. *The information role of conservatism*. **The Accounting Review**. v. 83. n. 2, p. 447-478. 2008.

LARA, Juan Manuel García; *et al.* *The effect of earnings management on the asymmetric timeliness of earnings*. **Journal of Business Finance and Accounting**. v. 32. n. 3-4, p. 691-725, apr/may. 2005.

LEE, HyeSeung; LI, Xu; SAMI, Heibatollah, *Conditional conservatism and audit and non-audit fees*. *Working Papers*. Lehigh University, jan., 2012. Disponível em: <<http://www.ssrn.com>>. Acesso em: 14/04/2012.

LENNOX, Clive; FRANCIS, Jere R.; WANG, Zitian. *Selection models in accounting research*. **The Accounting Review**. Sarasota: (forthcoming). 2012. Disponível em: <http://www.ssrn.com>. Acesso em: 25/02/2012.

LI, Dan. *Does auditor tenure affect accounting conservatism? Further evidence*. **Journal of Accounting and Public Policy**. Baltimore: v. 29, n.3, p. 226-241, jun. 2010.

LOBO, G. J.; ZHOU, J. *To swear early or not swear early? An empirical investigation of factors affecting CEO's decisions*. **Journal of Accounting and Public Policy**. v. 24. n. 2, p. 153-160. 2005.

LOPES, Alexsandro Broedel; **A informação contábil e o mercado de capitais**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____; MARTINS, Eliseu. **Teoria da contabilidade: uma nova abordagem**. São Paulo: Atlas, 2005.

MARTINEZ, Antônio Lopo. **Gerenciamento dos resultados contábeis: estudo empírico das companhias abertas brasileiras**. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e

Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

MARTINS, Eliseu. Análise crítica de balanços: parte I. **Boletim IOB Temática Contábil e Balanços**. São Paulo: IOB, n. 26, p. 1-8, 2005a.

_____. Análise crítica de balanços: parte II. **Boletim IOB Temática Contábil e Balanços**. São Paulo: IOB, n. 26, p. 1-9, 2005b.

MYERS, J., MYERS, L., OMER, T. Exploring the term of the auditor–client relationship and the quality of earnings: A case for mandatory auditor rotation. **The Accounting Review**, v. 78, n. 3, p. 779-799, 2003.

MOORE, Don A. et al. *Conflicts of interest and the case of auditor independence: moral seduction and strategic issue cycling*. **Academy of Management Review**. v. 36, n.1, p. 1-20, 2006.

MOREIRA, R.L. COLAUTO, R.D.; AMARAL, H.F. Conservadorismo condicional: estudo a partir de variáveis econômicas. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS, 4., 2010, Natal. Anais... Natal: ANPCONT, 2010

NG, P. P. H.; TAI, B. Y. K. An empirical examination of the determinants of audit delay in Hong Kong. **British Accounting Review**. V; 26, p. 43-59, 1994.

NUMAN; W, WILLEKENS, M. An empirical test of spatial competition in the audit market. **Journal of Accounting and Economics**, v. 53, p. 450-465. 2012.

O'KEEFE, T. B.; KING, R. D.; GAVER, K. M. Audit fees, industry specialization, and compliance with GAAS reporting standards. **Auditing: A Journal of Practice and Theory**, 13, 41–55. 1994.

PAULO, Edilson. **Manipulação das informações contábeis: uma análise teórica e empírica sobre os modelos operacionais de detecção de gerenciamento de resultados**. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

PAULO, Edilson; ANTUNES, Maria T. P. ; FORMIGONI, Henrique. Conservadorismo contábil nas companhias abertas e fechadas brasileiras. **RAE Revista de Administração de Empresas**. v. 48, p. 46-60, 2008.

PIOT, Charles. *Auditing quality and earnings management in France Working Papers*. Pierre Mendés France University, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.ssrn.com>>. Acesso em: 27/02/2006.

REYNOLDS, K. J; FRANCIS, J. R. *Does size matter? The influence of large clients on office-level auditor reporting decisions*. **Journal of Accounting and Economics**. v.30, n.3, p. 375-400. 2000.

RUDDOCK, C.; TAYLOR, S. J.; TAYLOR, S. L. *Nonaudit services and earnings conservatism: Is auditor independence impaired?* **Contemporary Accounting Research**. v.23. 2006.

SCHROEDER, Richard G *et al.* **Financial accounting: theory and analysis**. 7th ed. New York: John Wiley & Sons, 2001.

SCOTT, William R. **Financial accounting theory**. 3rd ed. Toronto: Prentice Hall, 2003.

SILVA, M. B.; GRIGOLO, T. M. *Metodologia para iniciação científica à prática da pesquisa e da extensão II*. Caderno Pedagógico. Florianópolis: Udesc, 2002.

SUN, Jerry A.; LIU, Guoping. *Industry specialist auditors, outsider directors, and financial analysts*. **Journal of Accounting and Public Policy**. v.30, n.4, p. 367–382 , 2011

SUNDER, Shyam. **Theory of accounting and control**. Cincinnati: South-Western Publishing, 1997.

TONG, Y. H. *Financial reporting practices of family firms*. **Advances in Accounting**. v. 23, p. 231–261. 2007.

US General Accounting Office (GAO), 2003. *Public Accounting Firms: Required Study on the Potential Effects of Mandatory Audit Firm Rotation*. Government printing office, Washington, DC.

WATTS, Ross L. *Conservatism in accounting part I: explanations and implications*. **Accounting Horizons**. Sarasota: v. 17, n.3, p. 207-221, sep. 2003a.

_____. *Conservatism in accounting part II: evidence and research opportunities*. **Accounting Horizons**. Sarasota: v. 17, n.4, p. 287-301, dec. 2003b.

_____; ZIMMERMAN, Jerold L. **Positive accounting theory**. New Jersey: Prentice Hall, 1986.

WOOLDRIDGE, Jeffrey M. **Introductory econometrics: a modern approach**. 2nd ed. Ohio: South-Western College Pub, 2002.

ZEFF, Stephen A. *The rise of economic consequences*. **The Journal of Accountancy**. New Jersey: v. 146, n.6, p. 56-63, dec. 1978.

APÊNDICE

APÊNDICE A – NÚMERO DE COMPANHIAS ABERTAS BRASILEIRAS AUDITADAS POR ANO (continua)

EMPRESA DE AUDITORIA	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Total
A G N CANARIM AUD. ASSOCIADOS							1	2	2	2			7
ACAL AUD. INDEPENDENTES						1	2	2	2	2	1		10
ACTUS AUD. INDEPENDENTES	1	1	1	1	1	2	3	2	3	4	2	2	23
ADELINO DIAS PINHO			1	1									2
ALONSO, BARRETTO & CIA AUD. INDEPENDENTES					1								1
ALPHA AUD. INDEPENDENTES								1	1	1	1	1	5
ARC & ASSOCIADOS AUD. INDEPENDENTES								1					1
ARTHUR ANDERSEN	43	40											83
ASSESSORA ASSESSORES E AUDITORES	1	1	1	1							1	1	6
ASSETE AUD. INDEPENDENTES	1	1	1	1									4
AUDILINK & CIA AUDITORES												1	1
AUDIMAR AUD. INDEPENDENTES	1	1	1	1	1				1	1	1	1	9
AUDIMEC AUD. INDEPENDENTES												1	1
AUDIPEC AUD. INDEPENDENTES	1	1				1	1	2	1	1	2	2	12
AUDIPLAN AUD. INDEPENDENTES					1	1	1	1	1	1	1	1	8
AUDIT AUD. INDEPENDENTES	6												6
AUD. INDEPENDENTES S/C	2												2
AUD. INDEPENDENTES S/S												1	1
AUDSERVICE AUD. ASSOCIADOS		1											1
BAKER TILLY BRASIL												1	1
BAZZANEZE AUD. INDEPENDENTES												1	1
BC CONTROL AUD. INDEPENDENTES								1	2	2	2	2	9
BDO TREVISAN AUD. INDEPENDENTES	14	16	14	12	14	15	17	21	27	27	28	3	208
BENDORAYTES, AIZENMAN & CIA AUD. INDEPENDENTES	2	2	2	2									8
BIANCHESSI & CIA. DE AUDITORES													13
BKR – LOPES, MACHADO AUDITORES	3	3	3	3	1								83

APÊNDICE A – NÚMERO DE COMPANHIAS ABERTAS BRASILEIRAS AUDITADAS POR ANO (continuação)

EMPRESA DE AUDITORIA	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Total
BKS AUD. INDEPENDENTES					3	3	3	3	2	2			16
BORDASCH AUD. INDEPENDENTES					1	1	1						3
BOUCINHAS & CAMPOS	4	4	6	11	11	5	5	4	3	2			55
CLAUDIO BIANCHESSI & ASSOCIADOS AUDITORES	1	1	1	1									4
CONFIANCE AUD. INDEPENDENTES					1	1	1						3
CONFIDOR AUDITORES ASSOCIADOS	1	1	1	1							1	1	6
CROWE HORWATH RCS									1	1	1	1	4
DEC ASSESSORIAS REUNIDAS AUDITORES					1								1
DELOITTE	17	19	46	48	55	64	79	56	53	51	53	52	593
DIRECTA AUD. INDEPENDENTES	1	1	1	1	4	8	8	7	4	3	2	2	42
DRS AUD. INDEPENDENTES					1	2	3	3	4	4	5	4	26
ECOPAL AUD. INDEPENDENTES	1	1	1	1	1	1	1						7
ERNST & YOUNG	20	21	19	23	20	22	27	33	35	45	66	70	401
ETAE AUD. INDEPENDENTES	3	3	2	2				1	1	1	1	1	15
EXACTO AUDITORIA									1	1	1		3
HANDELL, BINTTENCOURT & CIA	1	1											2
HLB AUDILINK & CIA AUDITORES	4	3	4	4		1	1	1	2	2	3	2	27
HORWATH BENDORAYTES AIZENMAN & CIA.			1	1	1	1	1	1	2	2	1	1	12
IBS AUD. INDEPENDENTES													8
IGAF LM AUD. INDEPENDENTES					1	1	1	1	1	1	1	1	6
IMATEO AUDITORIA E CONSULTORIA	1	1	1	1				1		1			11
IMER PUERARI & CIA AUDITORES	1	1	1		2	2	2	2					2
INSTITUTO NACIONAL DE AUDITORES		1	1										9
IRMÃOS CAMPOS & CERBONCINI AUD. ASSOCIADOS				1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
JC SOUZA RADURES AUD. INDEPENDENTES						1							6
JPPS AUD. INDEPENDENTES							1	1	1	1	1	1	16

APÊNDICE A – NÚMERO DE COMPANHIAS ABERTAS BRASILEIRAS AUDITADAS POR ANO (continuação)

EMPRESA DE AUDITORIA	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Total
JUSTUS AUD. INDEPENDENTES			1	1									2
KPMG	9	8	10	11	16	19	29	44	45	46	45	59	341
KSI AUD. INDEPENDENTES											1	1	2
KSR AUD. INDEPENDENTES					1	1	1	1	1				5
LOUDON BLOMQUIST AUD. INDEPENDENTES		1	1			1	1	1	1	1	1	1	9
MAP AUD. INDEPENDENTES											1		1
MARTINELLI AUD. INDEPENDENTES		7	10	10	6	5	5	5	5	4	6	4	67
MAZARS & GUERARD AUD. INDEPENDENTES					4	2							6
MGI SENGER WAGNER AUD. INDEPENDENTES							1	1	1	1			4
MOORE STEPHENS LIMA LUCCHESI AUD. INDEPENDENTES		1	1	1	2	2	2				1	3	13
MOREIRA & ASSOCIADOS AUDITORES					1	1	1	1					4
MULLER AUD. INDEPENDENTES						1	1	1				1	4
NARAZZAQUI & CIA – AUDITORES	1	1	1					1	1	1	1	1	8
NARDON, NASI CIA AUD. INDEPENDENTES			1	2	2	2	1						8
PADRÃO AUDITORIA	1	1	1	2	2	2	2	1	1	1	1	1	16
PAES DE MENEZES AUD. INDEPENDENTES					1	1							2
PELEGRINI & RODRIGUES AUD. INDEPENDENTES						1	1	1	1				4
PEPE ASSOCIADOS					1	1	1	1	1	1			6
PERFORMACE AUDITORIA E CONSULTORIA EMPRESARIAL					2	3	2	1					8
PHF AUD. INDEPENDENTES									1	1	1	1	4
PP&C												1	1
PRICEWATERHOUSECOOPERS	29	33	47	37	29	28	26	35	36	36	45	47	428
QUORUM AUD. INDEPENDENTES					1	1							2
ROKEMBACH & CIA AUDITORES	1	1	1	4	2	3	3	3	1	1		1	21
RUSSELL BEDFORD BRASIL – AUD. INDEPENDENTES						1	1	1	1	1	1		6
SACHO AUD. INDEPENDENTES				1	1	1	1	1					5

APÊNDICE A – NÚMERO DE COMPANHIAS ABERTAS BRASILEIRAS AUDITADAS POR ANO (conclusão)

EMPRESA DE AUDITORIA	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Total
SELECTA AUD. INDEPENDENTES						2	2	4	4	3			15
SICON AUD. INDEPENDENTES			1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	11
SIGMAC AUDITORES						1	1	1					3
SIMIONATO AUD. INDEPENDENTES					1	1							2
SOLTZ, MATTOSO & MENDES AUD. INDEPENDENTES					2	2	2	2	1	1	1		11
SOTECONTI AUD. INDEPENDENTES	2	2											4
TAG AUDITORIA E CONSULTORIA EMPRESARIAL			1	1	1	1	1						5
TERCO GRANT THORNTON				1	1	1	8	15	18	19	1	2	66
TUFANI REIS & SOARES AUD. INDEPENDENTES	1												1
UHY MOREIRA – AUDITORES									2	2	2	1	7
UNITS AUD. INDEPENDENTES	1	1	1	1									4
VETOR AUD. INDEPENDENTES										1			1
VGA & VALERIO MATOS AUD. INDEPENDENTES	1						1	1	1	1	1		6
VILLAS RODIL AUD. INDEPENDENTES	1	1	2	2									6
TOTAL	177	182	188	192	199	219	255	272	274	281	286	280	2805

Fonte: Própria

APÊNDICE B – Número de companhias abertas brasileiras auditadas por setor (continua)

EMPRESA DE AUDITORIA	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	Total	
A G N CANARIM AUD. ASSOCIADOS						7																	7	
ACAL AUD. INDEPENDENTES									5					1						1			3	10
ACTUS AUD. INDEPENDENTES			4													6			13					23
ADELINO DIAS PINHO					2																			2
ALONSO, BARRETTO & CIA AUD. INDEPENDENTES											1													1
ALPHA AUD. INDEPENDENTES								5																5
ARC & ASSOCIADOS AUD. INDEPENDENTES																			1					1
ARTHUR ANDERSEN		8	2	3	2	21					4	2	2	6		11		6		12			4	83
ASSESSORA ASSESSORES E AUDITORES				6																				6
ASSETE AUD. INDEPENDENTES											4													4
AUDILINK & CIA AUDITORES			1																					1
AUDIMAR AUD. INDEPENDENTES												9												9
AUDIMEC AUD. INDEPENDENTES											1													1
AUDIPEC AUD. INDEPENDENTES		2		2							8													12
AUDIPLAN AUD. INDEPENDENTES																8								8
AUDIT AUD. INDEPENDENTES		1						1											4					6
AUD. INDEPENDENTES S/C.										1						1								2
AUD. INDEPENDENTES S/S											1													1
AUDSERVICE AUD. ASSOCIADOS											1													1
BAKER TILLY BRASIL		1																						1
BAZZANEZE AUD. INDEPENDENTES											1													1
BC CONTROL AUD. INDEPENDENTES					5						4													9
BDO TREVISAN AUD. INDEPENDENTES	2	27	8	10		47			1	7	49		2	9		8		11	19			8		208
BENDORAYTES, AIZENMAN & CIA AUD. INDEPEND.				4							4													8
BKR – LOPES, MACHADO AUDITORES											4									5	4			13
BKS AUDITORES INDEPENDENTES			5								6					1				4				16

APÊNDICE B – Número de companhias abertas brasileiras auditadas por setor (continuação)

EMPRESA DE AUDITORIA	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	Total	
BORDASCH AUDITORES INDEPENDENTES											3												3	
BOUCINHAS & CAMPOS		5				15				7	5		3			8			5				7	55
CLAUDIO BIANCHESSI & ASSOC.AUDITORES				4																				4
CONFIANCE AUDITORES INDEPENDENTES		3																						3
CONFIDOR AUDITORES ASSOCIADOS					6																			6
CROWE HORWATH RCS															4									4
DEC ASSESSORIAS REUNIDAS AUDITORES											1													1
DELOITTE		11	42	37	8	154		11	10	11	71	11	7	20	5	31	3	38	69	40			14	593
DIRECTA AUDITORES INDEPENDENTES		4			8	2						1		5		14		6	2					42
DRS AUDITORES INDEPENDENTES		12														8							6	26
ECOPAL AUDITORES INDEPENDENTES			2	5																				7
ERNST & YOUNG	13	22	24	24	16	70		6		5	61	2	12	4		23	8	36	27	24	1	23		401
ETAE AUDITORES INDEPENDENTES S/C		9						4												2				15
EXACTO AUDITORIA				3																				3
HANDELL, BINTTENCOURT & CIA																2								2
HLB AUDILINK & CIA AUDITORES		5	5								6					4			7					27
HORWATH BENDORAYTES AIZENMAN & CIA.				2												10								12
IGAF LM AUDITORES INDEPENDENTES																8								8
IMATEO AUDITORIA E CONSULTORIA											4							1					1	6
IMER PUERARI & CIA AUDITORES		7																					4	11
INSTITUTO NACIONAL DE AUDITORES																				2				2
IRMÃOS CAMPOS & CERBONCINI AUD. ASSOCIADOS																							9	9
JC SOUZA RADURES AUD. INDEPENDENTES																				1				1
JPPS AUDITORES INDEPENDENTES SS							6																	6
JUSTUS AUDITORES INDEPENDENTES																2								2
KPMG	6	25	13	9	7	78		19	7	1	54		11	8		24		12	22	15		30		341

APÊNDICE B – Número de companhias abertas brasileiras auditadas por setor (continuação)

EMPRESA DE AUDITORIA	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	Total	
KSI AUDITORES INDEPENDENTES													2											2
KSR AUDITORES INDEPENDENTES																			5					5
LOUDON BLOMQUIST AUD. INDEPENDENTES											7				2									9
MAP AUDITORES INDEPENDENTES										1														1
MARTINELLI AUDITORES INDEPENDENTES		3	5			2		1			14					6		8	21				7	67
MAZARS & GUERARD AUD. INDEPENDENTES						1													5					6
MGI SENGER WAGNER AUD. INDEPENDENTES				4																				4
MOORE STEPHENS LIMA LUCCHESI AUD. INDEPEND		2						6															5	13
MOREIRA & ASSOCIADOS AUDITORES				4																				4
MULLER AUDITORES INDEPENDENTES																			4					4
NARAZZAQUI & CIA – AUDITORES											8													8
NARDON, NASI CIA AUD. INDEPENDENTES												5											3	8
PADRÃO AUDITORIA							4				4					8								16
PAES DE MENEZES AUD. INDEPENDENTES							2																	2
PELEGRINI & RODRIGUES AUD. INDEPENDENTES						4																		4
PEPE ASSOCIADOS					6																			6
PERFORMACE AUD. E CONS. EMPRESARIAL				1							3										4			8
PHF AUDITORES INDEPENDENTES																			4					4
PP&C											1													1
PRICEWATERHOUSECOOPERS	4	10	24	23	12	37			19	14	73	7	19	39	2	54		27	20	19			25	428
QUORUM AUDITORES INDEPENDENTES											2													2
ROKEMBACH & CIA AUDITORES		6	5	6																			4	21
RUSSELL BEDFORD BRASIL – AUD. INDEP.	5				1																			6
SACHO AUDITORES INDEPENDENTES															5									5
SELECTA AUDITORES INDEPENDENTES																2			7				6	15
SICON AUDITORES INDEPENDENTES			10	1																				11

APÊNDICE B – Número de companhias abertas brasileiras auditadas por setor (conclusão)

EMPRESA DE AUDITORIA	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	Total	
SIGMAC AUDITORES												3												3
SIMIONATO AUDITORES INDEPENDENTES				2																				2
SOLTZ, MATTOSO & MENDES AUD.INDEPENDENTES				4							7													11
SOTECONTI AUDITORES INDEPENDENTES				2												2								4
TAG AUDITORIA E CONS. EMPRESARIAL				5																				5
TERCO GRANT THORNTON		5		37							18	3								3				66
TUFANI REIS & SOARES AUD. INDEPENDENTE															1									1
UHY MOREIRA – AUDITORES				3														4						7
UNITS AUDITORES INDEPENDENTES											4													4
VETOR AUDITORES INDEPENDENTES																				1				1
VGA & VALERIO MATOS AUD.INDEPENDENTES											1									5				6
VILLAS RODIL AUDITORES INDEPENDENTES								1								2				3				6
Total	30	168	150	201	73	438	12	54	42	47	435	43	59	91	19	243	11	149	273	107	1	159	2805	

Fonte: Própria

APÊNDICE C – Correlação entre os regressores e os resíduos da regressão

Variáveis	Original	Big4	Big5	Big5 e Middle	Tipo de cliente	Tenure	Rodízio	Delay	NAS	Importância do cliente	Especialização
$DANI_{it-1}$	8,34E-17	1,47E-16	1,75E-16	1,64E-16	-1,62E-18	1,32E-16	2,36E-16	4,94E-16	1,90E-16	-2,19E-17	2,78E-17
ΔNI_{it-1}	-3,81E-16	-4,80E-17	-1,02E-15	8,51E-16	9,31E-17	-8,27E-15	-3,86E-14	1,90E-15	-2,10E-16	-1,08E-15	7,44E-16
$\Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$	4,23E-16	7,10E-17	2,23E-17	-7,43E-17	-2,09E-16	-3,01E-15	-5,06E-15	-3,92E-16	-1,49E-16	-5,53E-16	3,16E-16
C_{it}	-1,67E-15	-6,40E-16	-1,02E-15	-2,21E-16	-1,29E-17	2,72E-16	2,50E-16	-1,01E-15	-4,32E-17	-1,98E-17	3,49E-18
$C_{it} * DANI_{it-1}$	7,12E-17	2,83E-18	-1,61E-17	-7,49E-17	1,67E-17	-3,26E-17	1,05E-16	-1,30E-16	2,03E-17	-1,76E-17	1,50E-17
$C_{it} * \Delta NI_{it-1}$	2,54E-18	-3,50E-16	-1,15E-15	-4,03E-16	1,83E-17	-1,39E-16	-1,63E-14	-9,84E-15	2,35E-17	6,11E-18	4,49E-18
$C_{it} * \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$	-7,10E-17	-1,27E-17	-4,76E-16	-2,37E-16	3,65E-18	-1,47E-15	2,58E-15	-2,45E-15	4,39E-18	2,44E-17	-2,21E-18
$LnAT_{it-1}$	3,70E-17	-2,61E-16	-3,66E-16	-3,38E-16	1,45E-16	-6,80E-15	1,35E-15	3,44E-16	-2,11E-15	1,52E-15	-3,14E-17
$DLoss_{it-1}$	1	7,66E-17	8,18E-17	5,22E-17	1,55E-17	3,57E-16	-1,08E-15	-2,81E-16	7,66E-17	-5,23E-17	3,49E-17
ROA_{it-1}		1,76E-17	-1,74E-16	4,99E-17	-2,51E-16	5,13E-16	1,79E-14	-3,68E-15	1,41E-16	3,51E-16	2,89E-16
$ALAV_{it-1}$		4,86E-17	9,60E-17	-7,93E-17	-7,06E-17	-9,09E-16	2,14E-15	-5,77E-16	-8,50E-17	-4,03E-17	-1,43E-17
FCO_{it-1}		1,99E-16	1,18E-16	1,91E-16	-1,90E-16	-1,46E-17	-2,08E-15	-2,77E-16	1,06E-16	-7,87E-17	-1,85E-16

Fonte: Própria